FÁBIO YABU

Princesas do Mar

AS CARTAS DE VENTO

PANDA BOOKS

FÁBIO YABU

Princesas do Mar

AS CARTAS DE VENTO

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

O Mundo de Salácia. 7
1. Vento 11
2. A primeira carta 15
3. Uma ajuda da professora Márcia. 21
4. O senhor Corrente 25
5. O plano dos bandidos 31
6. Outra surpresa 37
7. Aquele lugar assustador 45
8. Perigo no Reino Abissal 51
9. O mundo de Bia 59
10. A terrível revelação 65
11. O segredo de Tubarina 71
12. Tubarina sozinha 81
13. A última carta. 85
O autor 96

O MUNDO DE
SALACIA

O legal da imaginação é que você nunca sabe aonde ela vai parar. Quando começamos a imaginar, podemos ir instantaneamente a mundos fantásticos em questão de segundos. Lugares mágicos onde tudo é possível. A todo momento tem gente pensando nesses mundos e tornando-os tão reais quanto seus corações permitirem.

O que nós, o povo de Terra Firme, conhecemos como Oceano, para os salinos é um lugar mágico chamado Mundo de Salácia. Os salinos são pessoas como eu e você, mas que podem respirar embaixo d'água. Por muitos e muitos anos, os dois mundos viveram em perfeita harmonia, mas, um dia, isso mudou. O equilíbrio foi quebrado, as águas envenenadas e os animais mortos. Todas as formas de vida no planeta estavam ameaçadas e, então, a deusa Salácia dividiu seu mundo em diversos reinos menores. Surgiram então o Reino dos Polvos, dos Tubarões, das Arraias, e assim por diante.

Cada reino é governado por sábios reis e rainhas fiéis às cinco

Leis de Salácia. São elas: jamais se expor ao povo de Terra Firme, praticar o bem, a boa vontade e a generosidade, cuidar de seu reino, cuidar dos outros reinos e respeitar todos os reinos como um só.

No Reino dos Polvos vive a princesa Polvina. Com suas amigas de longa data – Estér, princesa das estrelas-do-mar, e Tubarina, princesa dos tubarões –, as três já passaram por muitas aventuras, e sempre na companhia de seus colegas de classe e da professora Márcia. Elas já ajudaram um tubarão em apuros, se esconderam de mergulhadores curiosos e salvaram a vida de centenas de animais no triste dia em que a manhã não veio.

As aventuras das Princesas do Mar parecem ser cada vez mais emocionantes e sempre deixam belas lições a ser lembradas.

Esta que você vai ler agora é uma das mais imprevisíveis, que as levou a conhecer um novo reino, uma nova amiga e a passar apuros nas mãos de perigosos vilões. Mas esta história começou bem diferente. Começou quando uma menina de Terra Firme resolveu imaginar o que havia no fundo do mar...

1. VENTO

– Bom dia, princesa! Hora de acordar!

– Hmmmm... tá bom, pai – disse a menina, virando o rosto para o lado mais geladinho do travesseiro. Segundos depois, sua mãe, que dormia ao seu lado, lhe dava um tapinha na perna:

– Vamos, filha.

– Já vou, mãe. Já vou.

A mãe se levantou e foi para o cômodo ao lado, separado por uma parede fina e sem porta. Cumprimentou seu marido, que preparava as coisas para o trabalho.

– Vamos, filha! – insistiu o pai.

– Já levantei, pai – disse a menina, indo em direção ao banheiro, que ficava do lado de fora da casa.

Mesmo com o frio daquela manhã, ela parou alguns segundos para olhar o mar. Em seus sonhos, ela sempre se perguntava quais segredos ele escondia em suas ondas. Mal sabia ela...

Poucos minutos depois, os três já haviam saído. O sol ainda não tinha nascido para esquentar aquela manhã de inverno. E tudo o que aquele casal humilde e sua filhinha adorável possuíam para se aquecer eram roupas simples e a longa caminhada até o ponto de ônibus.

Aos poucos, a luz do sol começou a iluminar a estrada de terra. O céu começava a se tingir de roxo e as estrelas começavam a se esconder. A menina reparou à sua volta, na cor da grama ainda coberta pelo sereno – ela adorava aquele tom de verde, que só podia ser visto naquela hora do dia.

– Fez a lição, princesa? – perguntou o pai.

– Fiz sim, papai – respondeu a menina, abraçada à mãe.

Ela reparou que o ar que saía de sua boca virava uma fumacinha branca. Assoprou as duas mãos tentando aquecê-las, mas não adiantou muito. Então o ônibus apareceu, fazendo um barulhão.

A menina se despediu dos pais com um abraço apertado. Não tinha muita coisa passando pela sua cabeça, além de que dentro do ônibus talvez estivesse menos frio. Antes de embarcar, lembrou-se de algo:

– Ah, pai. Toma, já ia esquecendo! – disse, entregando um papel para o pai.

– Outra carta?

– É! Você leva pra mim? Não esquece...

– Claro. Tem que encher a garrafa antes de jogar no mar?

– Isso, tem que encher a garrafa! Tchau, pai, tchau, mãe! – respondeu sorrindo, ao subir no ônibus escolar.

– Tchau, princesa! – disse o pai, abraçado à mãe.

– Tchau, Vento. Toma cuidado! – disse a mãe, completando aquele ritual diário. Tão logo o ônibus partiu, pai e mãe se puseram a trilhar o longo caminho de volta.

A manhã já estava avermelhada, com belos tons de laranja e amarelo rodeando o sol que surgia no horizonte. Quase meia hora depois, o casal chegou em casa. A primeira coisa que o pai fez foi procurar uma garrafa.

– Deixei uma lá fora, perto do varal – disse a mãe.

O pai olhou e logo viu uma garrafa transparente e vazia, tampada com uma rolha. Ao colocar a carta da filha lá dentro, ele se perguntou quais seriam os sonhos de Vento e aonde eles a levariam. Ele esperava que fosse a um lugar bem distante daquela praia.

A mãe e o pai caminharam até a beira da água, onde havia um barquinho de madeira amarrado. Enquanto a mãe o desamarrava, o pai abaixou-se e encheu aquela garrafa com água, para então tampá-la com a rolha. Subiu no barco, despediu-se da esposa e partiu para o mar.

– Não esquece de jogar a garrafa.

– Claro. Se eu esquecer, ela me mata! – riu o pai.

Ele remou por alguns minutos, vendo sua esposa e sua casinha branca ficarem cada vez menores. Quando já estava longe o bastante, pegou a garrafa e a jogou na água, sem ter idéia do lugar mágico aonde ela iria parar.

2. A PRIMEIRA CARTA

– Uma carta? – perguntou a princesa das estrelas-do-mar, a muitos e muitos quilômetros daquela praia.

– Sim, princesa Estér. É uma carta numa garrafa! E veio direto de Terra Firme! – respondeu o vendedor, num balcão repleto de objetos vindos da superfície. Talheres e latas de refrigerante enferrujados, pedaços de navios, espelhos, e até mesmo um fogão velho, que sabe-se lá como foi parar no fundo do mar, eram vendidos como raridades.

– Como você tem tanta certeza? – perguntou Tubarina, a princesa dos tubarões, desconfiada daquele velhinho de óculos grossos, um enorme bigode e a barba por fazer.

– Com todo o respeito, princesa, esta é uma das feiras de antiguidades mais famosas do Mundo de Salácia. Tudo aqui tem procedência. Não trabalhamos com produtos falsificados! – respondeu o vendedor, ofendido.

Polvina, a princesa dos polvos, olhou através daquele vidro, o que fez com que seus olhos aparecessem muito maiores do outro lado:

– Eu acho que é de verdade, sim!

– Como você sabe, Polvina? – perguntou Tata, a princesa das tartarugas.

– A água dentro da garrafa está mais escura... meio sujinha. Não tem água dessa cor nessa profundidade. Deve ter vindo lá de cima, sim.

– Hmmm... é verdade – comentou Estér. – Tudo bem, tio, quanto é?

O velhinho disse o preço, que assustou as meninas.

– Tudo isso?

– Ué! Vocês são herdeiras do trono! São ricas, não são?

– Mas não somos burras! Vamos embora, meninas! – puxou Tubarina.

– Não, não! Tudo bem, vai. Eu faço um desconto.

Após negociarem o preço, Polvina, Estér e Tata juntaram dinheiro e compraram aquela velha garrafa com uma carta dentro. A única que não quis ajudar foi Tubarina.

– Que perda de tempo! – resmungou mal-humorada, como sempre. – Eu não acredito que vocês vão gastar dinheiro com esse lixo!

Ninguém deu muita bola para o comentário dela, muito menos o velhinho, que finalmente havia conseguido algum dinheiro naquele dia.

– Essa raridade de Terra Firme faz parte de uma coleção. Caso tenham interesse em outras, ficarei muito feliz em atendê-las... – disse, enquanto embrulhava a garrafa em um jornal velho.

Estér entregou o dinheiro e elas foram embora com o embrulho, loucas para abri-lo imediatamente.

– Vamos ver! Vamos ver! – disse Estér, ansiosa.

– Deixa que eu abro! – disse Tubarina, puxando o embrulho para si.

– Tubarina, devolve! – irritou-se Estér. – A idéia de comprar foi minha!

– E você também não quis pagar! – reclamou Tata.

– Espera aí, Tubarina! Não vão começar! – disse Polvina. – O meu pai vem buscar a gente daqui a pouco. Chegando em casa a gente abre, ok?

– E quem vai abrir? – perguntou Estér.

– Ai, não sei, a gente tira na sorte, certo? E, Tubarina, sinto muito, mas você não ajudou a pagar, então não vai abrir! – respondeu Polvina.

– Ah! Que seja! Nem quero mesmo!

Alguns minutos depois, o Rei Polvo chegou e levou as quatro amigas para seu castelo, onde um gostoso lanche as esperava.

Polvina, Estér e Tubarina eram amigas inseparáveis, mas com personalidades muito diferentes. Polvina era a mais tímida e estudiosa, enquanto Tubarina era meio esquentadinha e Estér era pra lá de aparecida. Aquela era a primeira vez que Tata passeava com elas. Apesar de simpática e bonita, a princesa das tartarugas tinha um pouco de dificuldade em fazer amigos, porque era muito quietinha e acanhada.

Por recomendação da professora Márcia, os pais de Tata sugeriram que ela passasse o fim de semana no Castelo dos Polvos. Eles acharam que, com as outras três princesas, sua filha conseguiria se soltar um pouco. O programa daquela tarde incluía uma visita à feirinha de antiguidades e, depois, assistir a um filme alugado.

Ao chegarem ao castelo, as meninas se dirigiram à sala e novamente depararam com o dilema de quem abriria o embrulho.

– E agora? – perguntou Estér, impaciente.

– Vamos tirar na sorte! – disse Polvina.

– É! Mas como? – perguntou Tata.

– Vamos fazer assim, eu ajudo vocês a escolherem – disse Tubarina. Ela era a única neutra na discussão.

– Certo! – concordaram as outras três.

A princesa dos tubarões pôs as duas mãos para trás e escondeu três conchinhas na mão direita.

– Escondi três conchinhas idênticas na mão. Uma delas tem uma manchinha preta. Quem pegar a concha marcada vai abrir o embrulho!

– Certo! – concordaram as três.

– Então estendam a mão e fechem os olhos.

Tubarina juntou as duas mãos, balançou para misturar as conchas e então abriu um pouquinho para que apenas uma caísse na mão de Estér.

– Feche a mão. Não abra os olhos.

E fez o mesmo com Tata e Polvina.

– Muito bem! Podem abrir e ver quem foi a vencedora!

As meninas olharam as conchas. Duas ficaram procurando em vão a tal manchinha preta, enquanto uma olhava bem para ver se não era engano.

– Acho que encontrei... – disse Tata, com um sorrisinho tímido. Ela não estava acostumada a ganhar nada na sorte, nem rifas nem sorteios.

– Ahhh... – chiaram Estér e Polvina.

– Muito bem, Tata! Pode abrir! – disse Tubarina.

– Eba! – disse Tata, desenrolando cuidadosamente o jornal que envolvia a garrafa.

– Vai logo, Tata! É só jornal! – resmungou Tubarina. Ela também começava a ficar curiosa.

– Tá bom, tá bom! – a princesa das tartarugas percebeu que estava sendo cuidadosa demais.

Ela rasgou o jornal e todas puderam ver a garrafa com a tal carta dentro.

– Uaaaau! Abre, Tata, abre!

Nem para um homem adulto de Terra Firme era fácil abrir com as mãos uma garrafa fechada com rolha. Mas ela estava há tanto tempo na água que já tinha afrouxado um pouco. Tata, então, tirou a rolha sem dificuldades e puxou com os dedos a carta, enrolada num barbante.

Desamarrou o barbante. Desenrolou a carta. E as quatro meninas olharam para o papel, chocadas.

– Não dá pra ler. Está escrito na língua de Terra Firme...

3. Uma ajuda da professora Márcia

Cada princesa do mar aprende desde pequena a conversar com os animais de seu reino. Polvina fala fluentemente a língua dos polvos, o polvês, Tubarina, o tubaranês, e assim por diante.

Aprender a falar com os animais é algo muito difícil. Além de muito estudo, requer uma mente aberta e um coração puro. Coisa que as crianças têm de sobra. Imagine, agora, alguém que fala fluentemente 27 idiomas e estuda mais três. Esse alguém é ninguém menos que a professora Márcia, que leciona na Escola do Mar, freqüentada por nossas heroínas.

– Professora! Nós precisamos da sua ajuda! – disse Estér, ao entrar correndo na sala dos professores.

Márcia estava corrigindo as provas dos alunos e ficou surpresa com a visita das quatro princesas:

– Meninas! O que vocês estão fazendo aqui em pleno sábado? Querem saber as suas notas, é?

– Não, professora! Muito pelo contrário, eu não quero nem saber! – riu Estér.

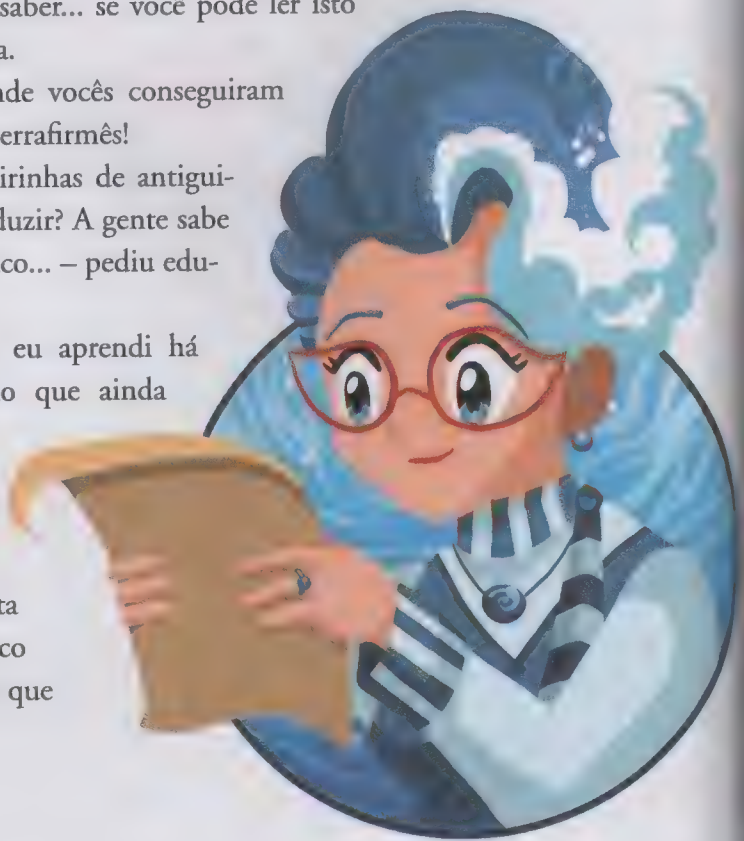
– Nós queríamos saber... se você pode ler isto – Tata mostrou a carta.

– Por Salácia! Onde vocês conseguiram isso? Está escrito em terrafirmês!

– Numa dessas feirinhas de antiguidades. Você pode traduzir? A gente sabe que você fala um pouco... – pediu educadamente Polvina.

– É, na verdade, eu aprendi há muito tempo... Acho que ainda lembro alguma coisa, vamos ver!

A professora ajustou os óculos no rosto, pegou a carta e se esforçou um pouco para lembrar palavras que não via há anos:



Olá!

Tudo bem?

Meu nome é Vento. Tenho nove anos. Eu moro numa praia com meu pai e minha mãe. Na verdade, nessa praia só tem a nossa casa. Aqui é um pouco longe da estrada onde passa o ônibus que me leva para a escola. Todos os dias meus pais acordam cedinho para me levar. Na nossa casa, fazemos sempre tudo juntos. Até na mesma cama a gente dorme!

Meu pai sai para trabalhar todo dia de manhã. Minha mãe não pode trabalhar porque ela não tem uma saúde muito boa. Vive com dor de cabeça. Meu pai queria que a gente morasse na cidade, mas é difícil arrumar um trabalho por lá. Então a gente vai ficando por aqui... Mas eu gosto da praia. Acho que se um dia eu morar em outro lugar, vou querer voltar aqui todo ano!

Minha mãe foi quem escolheu meu nome. Ela diz que é porque ela quer que eu seja como o vento... capaz de ir para qualquer lugar a hora que eu quiser. Eu gosto do meu nome. É diferente, né?

Eu adoro ler e estudar. Sabe por que estou escrevendo esta carta? Porque outro dia li que os náufragos jogavam cartas em garrafas no mar, na esperança de um dia serem encontrados por algum navio. Daí eu tive a idéia de escrever uma carta e encher a garrafa com água, para que ela chegue lá no fundo do mar. Assim, se tiver alguém morando aí embaixo, como eu imagino, eu serei a primeira pessoa a saber! Não é legal?

Pretendo escrever muitas cartas, sempre que tiver um tempinho e uma folha de papel sobrando. Desculpe-me por jogar garrafas de vidro no mar para nos comunicarmos, mas esse é o único jeito por enquanto.

Quem será que vai ler esta carta? Uma sereia? Algum menino bonito? Ou então uma menina como eu...

Espero que me responda um dia. Não tem pressa.

Beijos,

Vento

Ao final da tradução, as meninas ficaram admiradas com a descoberta:

– Nossa... é de uma menina que mora em Terra Firme! E tem a nossa idade! Como será que ela é? – perguntou Estér.

– É... e ela parece ser bem pobre, pelo que entendi... – disse Polvina. Apesar de rara, a pobreza também existia no Mundo de Salácia.

– Para alguém de Terra Firme, parece ser legal, não é? – sorriu Tata. – E ela disse que vai escrever mais!

– Hum... Não sei não... – Tubarina estava desconfiada. – Isso aí tá me cheirando a armação daquele velhinho...

Márcia também estava cética:

– Meninas... eu achei incrível vocês terem conseguido algo tão raro. Mas tomem cuidado, não quero que se metam em apuros por causa disso. Ouviu, Estér?

– Ouvi sim, professora... – respondeu com um sorrisinho.

Polvina olhou para Estér e sabia o significado daquele sorrisinho.

Encrenca.

4. O SENHOR CORRENTE

– Credo, Polvina! – resmungou Estér, horas depois, no Castelo dos Polvos.

– É isso mesmo, Estér! Nem começa!

– Mas você nem sabe o que eu vou dizer e já disse "não"!

– Eu sei muito bem o que você vai falar, Estér – disse Polvina. – No mínimo vai dizer: "Gente, nós temos que voltar à feirinha...".

– "... e procurar o vendedor para comprar mais!" – completou Tubarina, um pouco estridente na interpretação.

– Humpf. Até parece que...

– "... eu sou tão previsível assim" – concluiu Polvina.

Estér ficou brava com aquilo:

– Ora, eu nem ia dizer isso. Não com essas palavras! Eu acho...

– Estér, você ouviu o que a professora Márcia disse. A gente nem sabe se essas cartas existem... – disse Tata.

– Mas, Tata! Você não disse que a menina parece ser legal, mesmo sendo de Terra Firme?

– Sim, mas...

– E você, prima? – Estér às vezes chamava Polvina de prima, ainda que as duas não tivessem nenhum parentesco. – Poxa vida, você não ficou curiosa em saber mais sobre a menina? Ela disse que adora estudar, como você.

– É verdade, mas...

– E você, Tubarina? Não disse que estava louca por uma aventura?

– Não, não disse nada disso.

– Ora, mas eu sei que você está! – e nisso Estér acertou em cheio.

Ela olhou para as amigas, segurando aquela garrafa com a carta dentro:

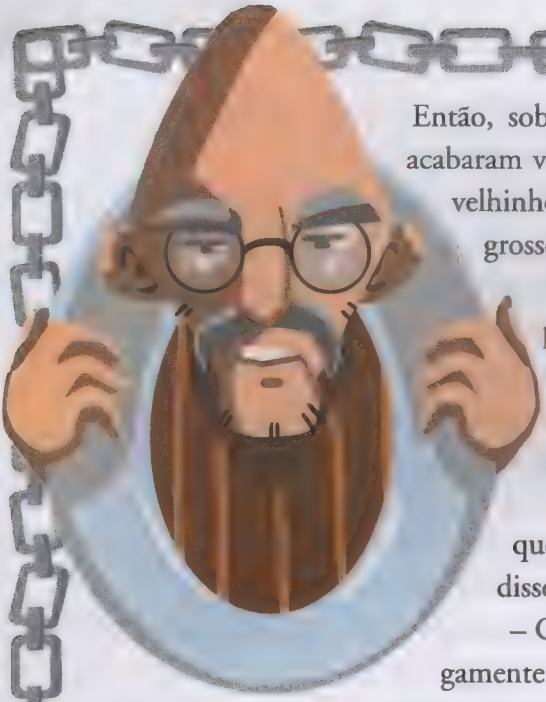
– Gente! Lá em cima – apontou e olhou para o teto – existe uma menina igual a gente, da nossa idade, que escreveu uma carta sonhando com o dia em que alguém a leria – Estér se empolgou e pôs o pé em cima da cadeira. – Essa menina está lá fora – apontou o dedo para a janela –, vivendo sem conforto com sua família, enquanto nós estamos aqui, dentro desse castelo, cercadas por tudo que há de bom e de melhor! Tudo o que essa pobre menina quer é que alguém leia suas cartas! Agora digam, vocês vão negar isso a ela, que já tem tão pouco? Vão? Vão? – concluiu, dramática.

– Ai... tá bom, vai. Vamos até a feirinha de novo – disse Polvina. Estér sabia como convencê-la.

– Tem razão. Mal não vai fazer mesmo... – disse Tata, que, no fundo, também estava morrendo de vontade de ler outras cartas.

– Não sei, não... – Tubarina estava desconfiada. – A última vez que seguimos um plano da Estér, ficamos de castigo quase um mês!

– É só uma feirinha, Tubarina... que mal pode haver nisso? – consolou Polvina.



Então, sob os protestos de Tubarina, as quatro acabaram voltando à feira, onde reencontraram o velhinho em sua barraca, lendo um livro bem grosso.

– Meninas! Vocês voltaram! Como posso ajudá-las, futuras majestades? Estariam interessadas em outra raridade de Terra Firme? – disse, desviando os olhos do livro.

– Na verdade nós viemos porque queremos as outras cartas que o senhor disse que tinha – disse Polvina.

– Cartas, cartas... hmmm, me lembro vagamente... – disse, ao pegar o assento de um vaso sanitário como se fosse uma relíquia. – Vejam, minha memória é fraca. Talvez vocês possam me ajudar a recordar se levarem esta raridade... – disse cinicamente.

– Mas a gente não quer comprar isso. Nem sabemos pra que serve! – disse Estér.

– Ora, isso aqui é um protetor de pescoço! – disse o velhinho, colocando o assento em volta do próprio pescoço.

– Você por acaso está tentando arrancar mais dinheiro de nós? – disse Tubarina, irritada.

– Tudo na vida tem seu preço – disse o vendedor.

– É... inclusive ter uma barraca na "maior feira de antiguidades do Mundo de Salácia", não é mesmo? – respondeu Tubarina.

– O que quer dizer? – o velho se sentiu ameaçado. – Não pense que só porque são princesas vocês podem fazer o que quiserem. Eu não estou fazendo nada de errado! – retrucou, irritado.

– Está sim! Está tentando empurrar para nós algo que não queremos! Meu pai, o Rei Tubarão, vai adorar saber disso! – disse Tubarina, levantando a voz.

O velhinho então cedeu:

– Tudo bem, tudo bem! Eu tenho mais duas cartas. Elas estão com meu sócio. Vou pedir para ele trazê-las amanhã!

– E qual é o nome dele? – perguntou Tubarina.

– Corrente. Carlos Corrente.

– Muito bem! Então diga ao senhor Corrente que a gente vem aqui amanhã. Agora vamos embora, meninas! – puxou a princesa dos tubarões.

– Como quiser, princesa – respondeu o velhinho, com um sorriso sinistro.

No dia seguinte, as quatro retornaram à feirinha em busca do senhor Corrente.

– Espero que esta seja a última vez que a gente vem aqui – disse Tata. – Ainda mais depois de ontem. Que coisa desagradável!

– A culpa foi do velhinho. Ele podia ter falado logo que as cartas não estavam com ele e evitaria todo aquele problema – disse Tubarina.

Ao chegarem à barraca, elas encontraram o velhinho, que continuava lendo seu livro. Ao lado dele, estava um homem alto e bonito, com um sorriso de ator de novelas. Em suas orelhas e penduradas no pescoço, ele usava várias correntes metálicas arrancadas de âncoras e navios antigos de Terra Firme, daí seu apelido de senhor Corrente. Atrás de si estava uma carruagem, puxada por dois cavalos-marinhos bem magricelos.

– Vocês devem ser as princesas, não é? Encantado – disse o senhor Corrente, curvando-se para as quatro meninas.

– Nossa, como ele é bonito... e educado – disse Estér.

– Tá, que seja – cortou Tubarina. – Escuta aqui, ô seu Corrente. A gente quer saber das suas duas garrafas. Quanto você quer por elas?

– Calma, calma... pra que a pressa? Não é todo dia que se pode conhecer uma princesa do mar, não é mesmo, Fuinha? – disse, referindo-se ao velhinho.

– É verdade, Corrente... algumas oportunidades não podem ser desperdiçadas... – riu o vendedor, enquanto esfregava as mãos.

– Você é ainda mais encantadora pessoalmente, princesa... – disse o senhor Corrente, beijando a mão de Estér.

– Ai, gente, ele é tão...

– Estér, deixa de ser assanhada! – Polvina e Tata puxaram a amiga para trás.

– Estamos com pressa! Diga seu preço e nos dê as garrafas! – Tubarina já perdia a paciência e achava que alguma coisa estava errada.

– Como quiser, princesa dos tubarões. As garrafas estão dentro da minha carruagem... – disse, levando as princesas para a parte de trás do veículo, onde havia diversos produtos empilhados.

– E como a gente vai achar as garrafas nesta bagunça toda? – perguntou Tata.

– Que tal se vocês olharem mais de perto? – Corrente e Fuinha empurraram violentamente as quatro meninas para dentro da carruagem e trancaram a pesada porta de metal.

– Aaaai! Socorro!! – gritaram as quatro, em vão.

Ninguém viu o que aconteceu e os dois bandidos subiram na parte da frente da carruagem. O senhor Corrente pegou as rédeas e fez os cavalos-marinhos magricelos partirem em disparada.

5. O PLANO DOS BANDIDOS

Fazia pouco mais de um dia que Tata tinha ido passar o fim de semana com Polvina, Estér e Tubarina e já estava em apuros.

– E agora? O que vamos fazer? – perguntou, aflita.

Em poucos instantes, a carruagem deixou a feirinha e seguiu por uma estrada abandonada. Na parte da frente, os vilões comemoravam:

– Viva! Quem diria que a gente tiraria a sorte grande desse jeito, hein, parceiro? – disse Fuinha.

– Hahaha! – riu o senhor Corrente.

– Tirem a gente daqui! – gritavam as meninas na parte de trás, mas eram ignoradas pelos seqüestradores.

– Meu pai virá atrás de nós! – disse Polvina.

– Ora, mas é isso mesmo que nós queremos, princesa dos polvos. E como ele não vai encontrar nada, vai ter que desembolsar uma boa grana para ver a filhinha de novo, hahaha! – riu o senhor Corrente, apressando ainda mais os desnutridos cavalos-marinhos. – Vamos! Mais rápido! Mais rápido!

Polvina olhou para as paredes da carruagem e notou que as janelas tinham grossas barras de metal do lado de dentro e estavam fechadas do lado de fora. Os bandidos não queriam que elas vissem para onde estavam sendo levadas.

A velocidade jogou as princesas no fundo do veículo, com diversos objetos antigos. As pedras e os buracos na estrada faziam a carruagem balançar muito.

– Aaai! Ele está indo mais rápido! – disse Polvina, tentando se equilibrar.

– Droga! Eu sabia que a gente não devia ter vindo! – reclamou Tubarina.

– Gente... olha isso! – disse Tata, ao achar algo curioso no meio da bagunça.

– As garrafas com as cartas! Então era verdade mesmo! – Estér se esqueceu por alguns segundos do que estava acontecendo.

– Quem se importa com essa porcaria? Precisamos escapar daqui antes que... – Tubarina não terminou sua frase, ao perceber que, apesar de continuar

em movimento, a carruagem agora seguia suavemente pela água.

– O que aconteceu? Parece que estamos... – Polvina desenhou uma imagem em sua mente – ... flutuando na água! Não estamos mais na estrada!

Ela acertou em seu palpite. Para não deixar marcas a serem seguidas, o senhor Corrente fez com que os cavalos-marinhos saíssem da estrada para nadar numa vasta área de mar aberto.

– E agora? Precisamos fugir daqui ou então nunca mais vão nos achar! – disse Tata.

– Calma, Tata! Precisamos de um plano! – Polvina pensava em várias possibilidades. – Tubarina! Você acha que consegue chamar um tubarão?

– Polvina, mesmo que a Tubarina chame, como eles vão nos ver? – perguntou Estér.

– Os tubarões não precisam ver para nos encontrar! Se tiver algum por perto, ele certamente vai me ouvir – então ela começou a gritar em tubaranês. – Socorro! Ajudem-nos!

Antes do esperado, elas ouviram outra voz responder no mesmo idioma:

– Vocês acham que nós somos idiotas? Ninguém pode ouvi-las aqui! Se vocês soubessem por onde nós estamos passando, não perderiam tempo tentando conseguir ajuda, hahaha! – riu Fuinha.

Tubarina ficou tão impressionada com a fluência do bandido em seu idioma que o xingou de nomes que só os dois ali entenderiam.

– Droga! Não vai dar certo! Temos que pensar em outra coisa... – disse Polvina, olhando ao seu redor.

– Rápido, Polvina! – Tata estava ficando desesperada.

– Esse monte de lixo de Terra Firme tem que servir para alguma coisa! Vamos ver o que tem aqui! – Polvina e suas amigas começaram a procurar algo útil naquela bagunça toda.

Maçanetas, talheres, pedaços de navios e automóveis, garrafas plásticas, remos, lampiões a gás... todo tipo de objeto podia ser encontrado lá, até uma bicicleta e um aspirador de pó.

– Nossa, não tem nada que preste aqui! – disse Tubarina.

– Tem que ter, Tubarina! É a nossa única chance! – respondeu Polvina, continuando a mexer naquele lixo todo.

– O que estamos procurando? – perguntou Tata.

– Nós vamos saber quando encontrarmos! – disse Polvina, sem desviar o olhar atento em sua busca.

– Polvina, olha isso! – Estér segurava um velho cilindro de oxigênio para mergulhador.

– É isso! Ele vai nos ajudar a fugir!

– Mas como? – perguntou Tata.

Polvina não respondeu. Pegou uma velha mangueira de borracha e cochichou para não chamar a atenção dos bandidos:

– Meninas, me ajudem a amarrar as pontas da mangueira nas barras das janelas, rápido!

Mesmo sem saber direito o que Polvina tinha em mente, todas obedeceram e, então, a mangueira ficou esticada bem no meio da carruagem, com as pontas amarradas nas janelas.

– Não entendi, Polvina! Pra que isso? – perguntou Estér.

– Você vai ver, Estér! Vamos, me ajude com o cilindro, ele é bem pesado!

Então, as quatro colocaram o cilindro na mangueira e puxaram para trás, para formar um estilingue gigante.

– Ah! Agora entendi, Polvina! Você quer abrir a porta com isso, não é? – perguntou Estér.

– É! O cilindro está cheio de ar comprimido. Como já está meio enferrujado, o impacto deve ser suficiente para que ele exploda a porta e nos tire daqui. Eu acho...

– "Eu acho"? – perguntou Tata.

– Por que "eu acho"? – completou Estér. Polvina geralmente era bem segura quando elaborava seus planos e agora parecia ser uma exceção.

– Bem... eu não sei exatamente a pressão que tem aí dentro. Dependendo dela e da força da batida, talvez o cilindro não abra... e talvez ele exploda a carruagem junto... – explicou.

– Ai, Polvina! Assim eu fico com medo! – disse Estér.

– Nós não temos outra opção! Precisamos torcer pra dar certo! No três a gente solta, ok?

Relutantes, as meninas acabaram concordando e puxaram ainda mais o cilindro, até que a mangueira estivesse totalmente esticada.

– Esperem um segundo! – alertou Tata. – Falta uma coisa! Vocês acham que conseguem segurar isso sem mim?

– Aff, sim, mas não por muito tempo! O que você quer? Não temos o dia inteiro! – resmungou Tubarina.

Tata correu para um canto do carro, onde estavam as duas garrafas com as cartas dentro.

– Já que viemos até aqui por isso... – ela pegou as duas garrafas, guardou uma consigo e deu a outra para Estér. – Toma, fica com uma que eu fico com outra!

– Agora, vamos! Puxem com força! – disse Polvina.

As meninas puxaram o cilindro até não terem mais forças.

– Vamos soltar... no três, certo? – disse Polvina.

– Certo! – respondeu Tubarina, que começou a contagem – Um...

– Dois...

Infelizmente, nem tudo na vida é como se espera. No três, ouviu-se o barulho de uma explosão que destruiu a parte traseira da carruagem. Em seguida, veio um silêncio assustador, num local onde a água era escura e a luz parecia tão distante lá no céu.

A violenta explosão do cilindro desacordou e jogou as princesas para longe. O destino do senhor Corrente e de Fuinha era desconhecido.

A coroa de Tata também funcionava como um capacete. Graças a isso, ela recebeu a menor parte do impacto e foi a primeira a acordar.

– Polvina! Estér! Tubarina! Onde estão vocês? – gritou, enquanto via destroços de todas aquelas velharias caírem lentamente para o fundo, tomado pela escuridão. Uma escuridão que fez gelar sua alma – Não... não pode ser! Aqui não é...

– Tata! – gritou Polvina, que estava a alguns metros abaixo. Ela nadou até onde estava a amiga – Tata! Onde estão as outras? – disse, em desespero.

– Eu não sei! Eu não sei, Polvina! – o pânico tomava conta de Tata não só pelas amigas desaparecidas, mas também por ter percebido o lugar onde estavam.

Mais abaixo, Polvina reconheceu uma silhueta familiar:

– A Tubarina está ali! – apontou para a princesa desacordada.

– Tubarina! Tubarina! – gritavam as duas, tentando em vão acordá-la.

Estér logo apareceu e se juntou às amigas, chorando:

– O que aconteceu com ela? Fala, Polvina! Ela está...

– Ela está respirando, Estér! – respondeu Polvina, ao pôr a mão no peito da amiga. – Ela desmaiou com o impacto! Rápido, precisamos sair daqui antes que...

O medo não deixou que ela terminasse a frase. Abraçadas a Tubarina, as três nadaram o mais rápido que podiam na direção da luz.

– Rápido! Mais rápido! – dizia Polvina, com medo de olhar para trás.

O que havia de tão apavorante lá embaixo?

6. OUTRA SURPRESA

Longe de toda aquela confusão, começou a cair uma forte chuva em Terra Firme.

Sentada em frente à janela, Vento cultivava um velho hábito. Ela observava atentamente as gotas que batiam no vidro e escorriam para baixo. Então ela escolheu uma e acompanhou seu percurso com os olhos, vendo-a juntar-se com outras gotas para formar uma maior.

A gotinha, que agora era uma gotona, acabou sendo ultrapassada por uma gota mais rápida. Vento ficou desapontada e, então, escolheu outra e começou a torcer de novo. Ela nem reparou na menina de tranças que sentou ao seu lado:

– Eu aposto nesta aqui! – disse a menina, apontando para uma gota.

– E eu nesta! – disse Vento, escolhendo a sua competidora.

Acontece que as duas gotas acabaram se juntando e suas apostadoras declararam um empate em meio a uma gostosa risada.

Enquanto isso, no Castelo dos Tubarões, Tubarina acabava de acordar, em meio às suas amigas, pais e um médico:

– Ai, minha cabeça! O que... aconteceu?

– Tubarina! – todos abraçaram a princesa, ainda atordoada.

Polvina soluçava ao abraçá-la:

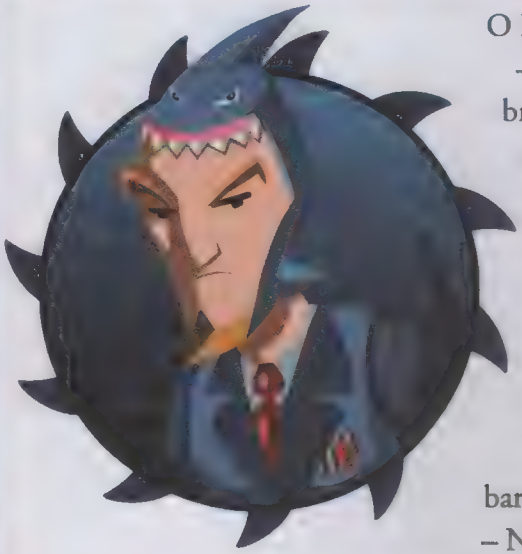
– Tubarina, me perdoe! A culpa foi toda minha! Eu não calculei que o cilindro explodiria com tanta força... Eu quase matei você! Me perdoe!

– Da próxima vez, vê se calcula direito! – respondeu Tubarina, emburrada. – Ai, dói até pra falar! Mas me digam o que aconteceu depois da explosão – disse, olhando brava para Polvina.

– Nós desmaiamos por alguns instantes. Daí acordamos, nos reunimos novamente e fugimos. Você foi a mais atingida... – disse Tata.

– Por que será, não? – respondeu Tubarina, dando mais um duro golpe na já abatida Polvina.

– Tubarina, não fala assim! Se não fosse pela Polvina, vai saber o que teria acontecido! – disse Estér, cuidadosa nas palavras, mas revoltada com a atitude da amiga.



O Rei Tubarão então se intrometeu:

– Tubarina, o que eu lhe disse sobre falar com estranhos? Como responsável pela defesa do Mundo de Salácia, eu posso afirmar que vocês quatro tiveram muita sorte. Aqueles dois, Carlos Corrente e seu comparsa Fuinha, são criminosos procurados em nosso reino!

– Não acredito! – exclamou Tubarina. – E onde eles estão agora?

– Não sabemos. Provavelmente se assustaram com a explosão e fugiram. Toda nossa força policial está atrás deles neste momento.

– Pai, me desculpe pela enrascada em que me meti desta vez... – disse Tubarina, sentida.

O Rei Tubarão era conhecido pela sua frieza e rigidez. Mas, perto da filha, ele era bem diferente: gentil e compreensivo.

– Vocês se arriscaram demais, meninas. Estávamos atrás desses dois há meses e, infelizmente, já era de esperar que eles atacariam algum membro das famílias reais cedo ou tarde. Eles são espertos, escondem muito bem suas pistas. Mas fique tranqüila. Logo, logo colocaremos as mãos neles, pois avisei nossa força policial que essa busca agora também é pessoal.

– Uau! – Tubarina era fascinada pelo poder do pai. Ela quase teve dó dos bandidos naquela hora.

– Bom, vamos deixar você descansar. Todos para fora! Não quero que ninguém incomode minha filha! – ordenou o rei, prontamente obedecido.

Já do lado de fora, Polvina, Estér e Tata conversavam:

– Puxa, em que confusão a gente se meteu, hein? Tudo por causa daquelas... – Polvina puxou o assunto.

– Não diga isso, prima! Você ouviu o Rei Tubarão! Os dois bandidos queriam atacar faz tempo! Se não estivessem com as cartas, provavelmente teriam chegado a nós ou a outras princesas de outra maneira. Pena que agora não temos mais as cartas... – lamentou Estér.

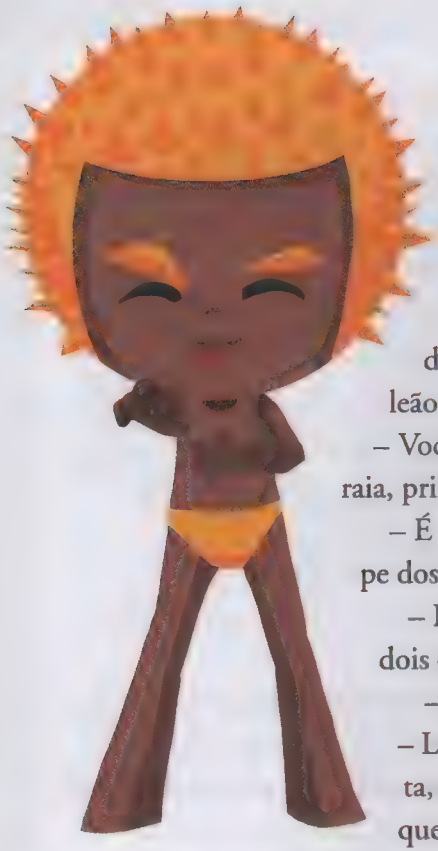
– Não é verdade – disse Tata. – Eu consegui salvar isso.

Vitoriosa, Tata estendeu a cartinha enrolada, que conseguiu tirar da garrafa antes da fuga e esconder na sua coroa.

– Afinal, nós nos arriscamos demais para conseguir esta carta. Não ia ser justo desistir tão facilmente – concluiu.

– Tata, você é demais! Pena que a minha garrafa foi lá pro fundo... pro... – Estér estava desapontada.

– Amanhã vamos levar para a professora Márcia traduzir! Espero que tenha valido a pena... – disse Polvina.



No dia seguinte, uma segunda-feira, Tubarina resolveu ficar em casa descansando. Na verdade, ela já estava bem, mas queria fugir das perguntas que suas amigas da escola com certeza lhe fariam:

– Quer dizer que vocês foram seqüestradas? – assustou-se Lia, princesa dos peixes-leão.

– Vocês não ficaram com medo? – perguntou Soraia, princesa das arraias.

– É claro que ficaram! – caçoou Mauriço, príncipe dos ouriços.

– Ficamos sim – confessou Polvina. – Afinal, os dois eram criminosos muito perigosos.

– É verdade que vocês chegaram perto do... – Léia, princesa das baleias, ia fazer uma pergunta, mas foi interrompida pela professora Márcia, que entrou na sala passando sermão:

– Polvina! Estér! Tata! Eu não falei para vocês terem cuidado com essa história das cartas?

– Mas, professora! Nós só fomos até a feirinha de antiguidades, meu pai levou a gente e ficou de ir buscar depois. Como nós poderíamos imaginar que o vendedor era um criminoso procurado? – explicou Polvina, lembrando-se do consolo do Rei Tubarão, mas ainda com peso na consciência por causa de Tubarina.

Ao ouvir aquilo, Márcia reconsiderou:

– Desculpe-me, Polvina. Você tem razão. Entretanto, eu não sei o que acontece com vocês, mas tenho a impressão de que são de longe as campeãs em confusão desta escola.

Tata nem sequer perdeu tempo e já perguntou:

– Professora, nós conseguimos mais uma carta! Você pode traduzir?

– Bom, já que passaram por tantos apuros, por que não? – respondeu a professora Márcia, pegando a cartinha enrolada das mãos da princesa das tartarugas. Em seguida, leu em voz alta.

O.!

Você não respondeu à minha última carta. Na verdade, não respondeu a nenhuma delas. Mas não tem problema. Vou continuar escrevendo da mesma forma, só que agora vai ser um pouco mais difícil, pois estou morando longe da praia.

É. É por causa do problema que tivemos. Agora vejo papai e mamãe só uma vez por semana, o que é muito triste. Mas, sabe? Têm acontecido coisas boas aqui. Fiz novas amigas, ficamos juntas o dia inteiro. Aqui tem chuveiro de água quente e a comida também é quentinha e gostosa. É bom. Acho que papai está melhor, apesar de tudo. Ele está triste, claro, mas lá também tem comida. Acho até que ele engordou um pouquinho. Cá entre nós, ele estava precisando!

Eu não disse que ia dar um jeito de escrever sempre? Descobri que um moço que trabalha aqui sempre vai para a praia nos fins de semana e ele leva as cartas pra mim. Legal, né?

Uma vez li num livro que a gente nunca sabe se tem sorte ou azar. Muitas vezes a gente pensa que aconteceu algo ruim, mas essa coisa ruim acaba levando a uma coisa boa. Tomara!

Bom, vou ficando por aqui. Sabia que agora vou para a escola de carro? Tem motorista aqui. Tenho roupas e sapatos novos também.

A minha mãe? Ela piorou. Mas não quero falar sobre isso porque me deixa muito triste.

Vento

Se a primeira carta havia deixado as princesas chocadas, essa segunda então deixou até a professora Márcia sem palavras. Ela revirou a carta, procurou mais alguma coisa para ler, mas nada. Ficou no ar um silêncio, esse sim difícil de traduzir.

– O que... o que aconteceu com a mãe dela? – perguntou Polvina.

– E com a família? Por que não estão mais juntos? – Tata sentiu um enorme aperto no coração.

– Onde ela está agora? Ela disse que escreveu antes! Devia ser a outra carta, que estava em nossas mãos, mas perdemos – lamentou Estér. – Se ao menos ela não tivesse caído naquele lugar assustador...

7. AQUELE LUGAR ASSUSTADOR

– É pôe assustador nisso! – disse Polvina, em sua casa, para Estér e Tata. – Só de ouvir esse nome eu já tremo de medo, olha! – mostrou seu braço, todo arrepiado. – Agora você literalmente está passando dos limites, Estér! Nós não podemos e nem vamos até lá!

Polvina queria que Estér desistisse da idéia antes mesmo que ela abrisse novamente a boca.

– Mas, Polvina! Você tem que entender que... – ela tentou se explicar, mas não conseguiu.

– Não, Estér! Isso já é demais! De jeito nenhum!

– Por que não?

– Porque não, ué!

– É proibido?

– Não! Mas ninguém vai lá!

– Isso não quer dizer nada!

– Estéeeer... – Polvina já não tinha mais argumentos, quando Tata intercedeu:

– Polvina, eu estive pensando... Eu acho que a Estér está certa!

– O quê? Tata, você também? Pegou a maluquice da Estér, é? Acho que é contagioso! – disse Polvina, colocando a mão na testa da amiga para ver se ela estava doente.

– Sabe, Polvina, depois de tudo o que aconteceu e do que ouvimos sobre a Vento, eu sinto como se ela fosse nossa amiga. Eu já teria desistido se não soubesse o que ela disse na última carta. A gente não sabe o que a mãe dela tem ou por que ela só vê o pai uma vez por semana. Talvez ela precise de nossa ajuda!

– Ajuda? Tá doida? Você não lembra da primeira Lei de Salácia? "Jamais se expor ao povo de Terra Firme."

– Eu sei, Polvina, mas sei lá! Talvez tenha algo que a gente possa fazer! Nem que seja rezar pela mãe dela. Além do mais...

– O que pode ter de tão apavorante no Reino Abissal? – completou Estér, cujo comentário arrepiou completamente o corpo de Polvina.

– Que tal o fato de ele ficar no lugar mais profundo do Oceano, onde a luz jamais chega?

– Nós podemos levar lanternas! – retrucou Estér.

– Mas lá é um dos lugares menos conhecidos pelos salinos!

– Isso é ótimo, vamos ser as primeiras a conhecer! – Estér não desistia.

– Ai, Estér... – conformou-se Polvina. Ela pensou e pensou.

– Vamos, vai, Polvina... Por favor... – insistia Estér.

– Vai dar tudo certo, você vai ver! É só a gente tomar cuidado! – reforçou Tata.

Então Polvina finalmente cedeu, ao perceber que as amigas iriam com ou sem a sua ajuda.

– Tudo bem, então. Nós vamos. Mas precisamos nos preparar! Levar tudo o que a gente pode precisar pra ir e voltar o mais rápido possível! Temos que usar roupas apropriadas também, lá embaixo deve ser bem frio!

– Certo! – comemoraram Estér e Tata.

– E a Tubarina? – perguntou Polvina.

– Acho que temos que avisá-la... Mas não sei se ela vai querer ir não – respondeu Estér.

Mais tarde, no Castelo dos Tubarões, Tubarina estava tendo outro ataque de nervos:

– Vocês três estão loucas? Eu quase morri por causa dessa história maluca de cartas de uma menina de Terra Firme! Acham que eu vou com vocês até o Reino Abissal?

Tata tentou se explicar:

– Tubarina, nós contamos pra você o que estava escrito na carta! A mãe dela está doente, o pai ela mal vê... Precisamos saber o que aconteceu!

– Que seja! Eu não preciso! Se quiserem continuar com essa maluquice, podem ir, mas não contem comigo! – a princesa dos tubarões se emburrou e voltou para o quarto, deixando as três amigas na sala.

– Isso não foi legal – comentou Polvina.

– É. Mas a gente sabia que ia ser assim. Vamos sem ela e vamos agora! – disse Estér, com sua mochila nas costas. Tata foi logo atrás e, ainda que insegura, Polvina também.

Era um longo caminho até a entrada do Reino Abissal, que ficava no fim da estrada deserta, atrás da feirinha de antiguidades. Para irem mais rápido, Polvina e Estér pegaram carona num polvo, o senhor Molusco, e Tata numa tartaruga, a dona Judite, com a desculpa de que iriam fazer um trabalho da escola. Segundo Estér, isso não deixava de ser verdade...

– Nunca mais quero voltar a essa feira! – disse Tata.

– Nem nós! – responderam as outras duas, com as lembranças dos perigos ainda frescas na memória.

Ao chegarem ao fim da estrada, as meninas se despediram de suas caronas e contemplaram com medo e fascinação aquela enorme fenda no solo, que mais parecia um abismo sem fim, e que de tão escuro era impossível enxergar o fundo.

– Bem, vamos nos preparar! – disse Polvina, abrindo sua mochila.

As meninas haviam levado acessórios que ajudariam em sua busca. Para começar, elas vestiram agasalhos para se protegerem do frio. Cada uma também levou uma lanterna e um telefone celular. O plano de Polvina era que permanecessem sempre juntas e fugissem ao menor sinal de perigo.

– Vamos? – perguntou Polvina, de mãos dadas com as amigas.

– Vamos! – responderam, antes de saltar naquele abismo, indo lentamente para o fundo e cada vez mais longe da luz.

– Nossa, como é escuro aqui! – perguntou Estér, ligando sua lanterna.

– Meus ouvidos estão doendo – reclamou Tata.

– É por causa da pressão! Aqui é fundo demais! Por isso temos que descer devagarzinho – disse Polvina.

– Está frio também – disse Estér. – Ainda bem que nos preparamos.

Ao observar o ambiente ao seu redor, Polvina também percebeu que as cores iam mudando aos poucos, até quase desaparecerem. Tudo parecia uma mistura de verde e azul, não fosse pela luz amarela das lanternas. Foi então que ela notou dois pontinhos com uma fraca luz avermelhada.

– Estér?

– Oi, Polvina!

– Está vendo aquilo ali na frente?

"Ai" foi o que Estér conseguiu dizer ao apontar a lanterna em direção aos dois pontinhos de luz.

– Não fala "ai", Estér! Você me assusta! – disse Tata. – O que foi?

– Olha lá!

Os pontinhos iam ficando cada vez mais próximos, quando então as meninas puderam ver do que se tratava: eram os olhos de algo que pelo menos lembrava um peixe. Seus dentes eram enormes, sua pele era fina e avermelhada. Ele era magro, quase um esqueleto vivo, coisa que ficou aparente quando a luz atravessou seu corpo como se ele fosse de papel. Ao se aproximar, ele abriu a boca, faminto.

– Ai!

8. Perigo no Reino Abissal

– Fujam! – foi o que Polvina gritou, enquanto puxava as amigas para cima. Ela queria voltar, mas não esperava ver mais um monte de outros pontinhos de luz bloqueando o caminho, que logo se transformaram num cardume nadando rapidamente na direção das princesas.

– Polvina, temos que descer! É nossa única chance! – disse Estér, que em nenhum momento soltou a mão da amiga.

Polvina pensou rápido e viu que não tinha muita escolha:

– Vamos! Rápido! Vamos tentar despistar esses monstros! – e puseram-se a nadar para o fundo.

As princesas do mar nadavam rápido, mas estavam movidas pelo medo, que confunde e embaralha o pensamento. A seu favor, os peixes abissais tinham a fome, que faz qualquer ser vivo encontrar forças que sequer imagina possuir. A vida de um peixe abissal é uma constante busca por comida, tão rara nas profundezas do oceano. Assim, a fome o acompanha 24 horas por dia.

– Precisamos nos separar! – disse Polvina. – É o único jeito!

– Polvina, eu tô com medo! – disse Tata.

– Eu também! – Polvina respondeu, antes de largar as mãos das duas amigas. – Nós nos encontraremos pelo celular! Agora, fujam!

Então, cada uma foi para um lado, fugindo desesperadamente.

Estér nunca sentiu tanto medo na vida. Enquanto fugia, ia iluminando o caminho com a lanterna, mas às vezes tinha vontade de desligá-la e fugir no

escuro, porque cada vez que olhava para a frente via um peixe mais bizarro aparecer, e o cardume crescia cada vez mais.

– Se eu sair viva dessa, eu prometo que nunca mais faço fofoca da vida dos outros! – gritou bem alto.

O que ela não esperava era ouvir uma resposta:

– Não prometa o que não pode cumprir! – disse uma voz conhecida, que se aproximava rápida como um míssil, montada num enorme tubarão.

– Tubarina! – Estér gritou aliviada.

Tubarina estava montada num estranho tubarão, de corpo comprido e focinho curto, bem diferente dos que Estér conhecia. Ele se aproximou rapidamente dos peixes e, ao atingi-los, produziu o som de pinos de boliche sendo derrubados. Estér estendeu o braço e puxou a amiga a bordo, sem reduzir a velocidade:

– Eu sabia que vocês iriam se meter em encrenca! – disse Tubarina.

– Tubarina! Obrigada! – agradeceu Estér, abraçada às costas da amiga com toda a força. A velocidade impressionante do tubarão quase a fez cair. Atrás dela, os peixes se reorganizavam para continuar a perseguição.

– Onde estão Tata e Polvina? – perguntou Tubarina.

– Eu não sei! Nós nos separamos! Eu vou ligar no celular delas...

– Não precisa, o senhor Gilson é mais rápido – disse Tubarina. – Procure as minhas amigas, senhor Gilson! – disse, em tubaranês.

– Eu não sabia que os tubarões podiam mergulhar tão fundo! – comentou Estér.

– Nem todos podem, mas o senhor Gilson é especial! Ele passa o dia aqui embaixo e só sobe para se alimentar.

– Princesa? – perguntou o senhor Gilson, em seu idioma.

– O que foi?

– Quantas amigas você disse que eram?

– Duas!

– Engraçado, eu sinto a presença de três crianças e dois adultos!

– O quê? Veio mais alguém com vocês, Estér?

– Não que eu saiba!

– Vamos ver quem está mais perto, então, senhor Gilson!

– Como quiser, princesa! São duas meninas, elas estão juntas a alguns metros daqui!

– Devem ser Polvina e Tata! Vamos, depressa!

Sem demora, o senhor Gilson seguiu seus sentidos aguçados e chegou ao local onde estava Polvina.

A princesa dos polvos estava tremendo de medo. Sem conseguir se mover, ela olhava fixamente para a estranha figura que aparecia iluminada por sua lanterna.

– Por favor, abaixe isso. Eu não estou acostumada com essa luz – respondeu uma voz de menina, rodeada de pontinhos coloridos que pareciam se alegrar com sua presença.

Sem conseguir falar, Polvina abaixou um pouco a lanterna. À sua frente, estava uma menina da sua altura, de longos cabelos negros com uma mecha vermelha. Ela vestia uma roupa branca e, apesar de bela, tinha algo de assustador. Na cabeça, usava uma espécie de esqueleto, com ameaçadores espinhos aparecendo. Na mão, carregava um estranho cajado com uma antiga lanterna em sua ponta, de onde saía uma fraca luz esverdeada.

– Polvina! – gritaram Estér e Tubarina, montadas no senhor Gilson. – Você está bem? Quem é essa aí?

– Eu... eu não sei! Quem... quem é você?

– Vocês não me conhecem, não é? Mas eu conheço vocês. Polvina, Estér e Tubarina. Eu vi vocês na revista *Escamas*, outro dia. E você, como vai, senhor Gilson? – perguntou com fluência no idioma dos tubarões.

– Estou bem, princesa! – respondeu o senhor Gilson, fazendo uma reverência.

– PRINCESA? – espantou-se Tubarina.

– Sim. Meu nome é Bia, eu sou a princesa do Reino Abissal.

Por essa ninguém esperava. Uma princesa do mar num lugar tão escuro e temido como aquele!

– Perdoem meus amigos – disse Bia –, eles vivem com fome, e com razão. A vida aqui embaixo é dura pra eles... – ela acariciava um peixe-dragão, o que fez com que o pequeno ponto luminoso que ele tinha na frente do rosto se iluminasse fortemente. – Não se preocupem, eu pedi que controlassem o apetite e tentassem não fazer mal a vocês.

– Tentassem? – Tubarina estranhou. Então, Estér lembrou de algo importante:

– Gente! Precisamos ir atrás da Tata!

– Não se preocupe, Estér. Seus amigos estão em segurança. Eu ordenei que todos os ataques parassem.

– Ai, que bom! Obrigada, Bia! – disse Estér, achando estranho conversar com alguém num lugar tão escuro.

– Espera aí! Você disse "seus amigos"? – reparou Polvina.

– É! Não são uma menina, um homem alto e um velhinho? – estranhou Bia.

– Não! – espantaram-se as meninas.

Polvina teve um mau pressentimento e ligou para o celular de Tata.

– Ai... vai, Tata, atende logo, amiga! Atende!

O telefone atendeu, mas ninguém disse nada do outro lado.

– Alô? Tata! Sou eu, a Polvina!

– Olá, Polvina... – respondeu uma sinistra voz masculina.

– Quem... quem está falando?

– Escuta aqui, ô princesinha – disse a voz em tom agressivo –, você vai fazer exatamente o que eu mandar ou pode dar adeus à sua amiguinha Tata. Palavra do senhor Corrente!

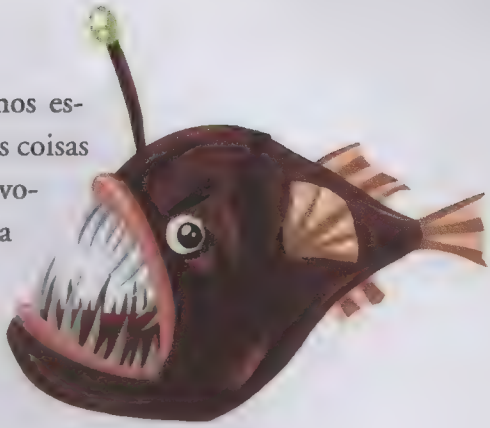
Tata gritou:

– Polvina, não dê ouvidos a ele! – mas foi rapidamente calada por Fuinha.

– O que você quer de nós? Como veio parar aqui? – perguntou Polvina.

O senhor Corrente sorriu do outro lado, enquanto Fuinha mantinha Tata presa em seus braços:

– Depois que vocês fizeram o favor de explodir nossa carruagem, os cavalos-marinhos nos arrastaram por um tempão, até que conseguimos nos livrar deles. Então percebemos que logo, logo o Rei Tubarão mandaria seus



tubarões atrás de nós... E resolvemos nos esconder aqui, no Reino Abissal, até que as coisas se acalmassem. Só não achávamos que vocês iriam aparecer aqui de bandeja para nós, hahaha!

– Seu monstro!

Enquanto Polvina falava, Bia sinalizou que ela continuasse. Polvina entendeu o recado e todos foram seguindo o senhor Gilson, que já sabia a localização exata dos bandidos.

– O que você quer de nós? – perguntou Polvina.

– O que podemos querer, princesa? Dinheiro, muito dinheiro!

– Você aceita cheque? Cartão? – Polvina tentava ganhar tempo.

– Deixe de graça! – irritou-se o bandido. – Diga pro seu pai que quero um baú cheio de dinheiro na fronteira com o Reino Abissal, hoje, à meia-noite. Tudo em notas de 100! Você deverá levar o dinheiro e não poderá ser seguida. Se eu perceber alguma coisa errada, pode dar adeus à sua amiguinha!

– Mas à meia-noite eu não posso! Eu vou para a cama às dez!

– Menina idiota! Você está brincando comigo, é?

– Olha, fala de novo o que devo dizer pro meu pai! Mas fale rápido que eu estou sem crédito!

Polvina sabia que estava se arriscando, mas não tinha escolha. Ela precisava manter o bandido ocupado enquanto o senhor Gilson as guiava para o lugar onde eles estavam. Então, finalmente, ela recebeu o sinal de Bia:

– Desculpe, a ligação está ruim! Eu vou ter que desligar! – disse Polvina.

– Como está ruim? Eu estou ouvindo você perfeitamente! Como se estivesse atrás de...

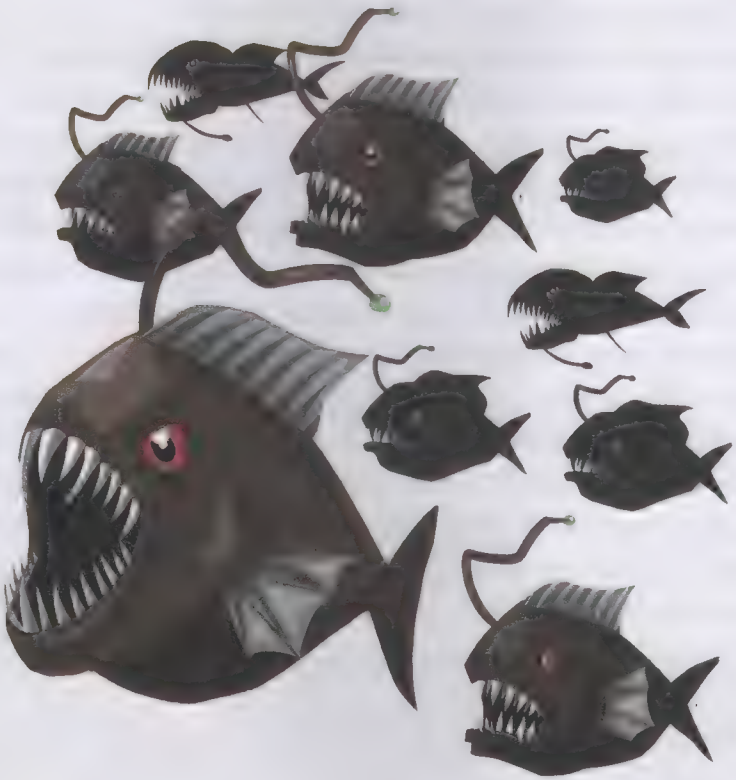
Então os bandidos olharam para trás. E nunca mais se esqueceram daquela visão: um enorme tubarão exibindo sua poderosa mandíbula e centenas de pontinhos brilhantes que iluminavam os rostos famintos dos peixes abissais. Ao lado deles, a fantasmagórica imagem da princesa Bia, que também não estava nem um pouco feliz.

– Bandidos no meu reino?

– Quem é essa? Eu estou com medo! – tremeu Fuinha, largando Tata e se escondendo atrás do senhor Corrente.

– Cuidem deles, meninos – sussurrou Bia para seus amigos abissais.

– Nãããão! – gritaram Fuinha e o senhor Corrente, ao serem soterrados por aquele enorme cardume de peixes famintos.



9. O mundo de Bia

Após tudo esclarecido e os vilões devidamente amarrados, Bia chamou as novas amigas para conhecer seu castelo. Elas estavam loucas para sair daquele lugar tão sombrio, mas não viram saída a não ser acompanhar Bia, já que ela havia salvo suas vidas.

Tudo no Reino Abissal era tão escuro que ficava difícil distinguir as formas das coisas. Somente quando chegaram perto da entrada daquela caverna assustadora, as meninas se deram conta de onde estavam.

– É aqui que você mora? – perguntou Polvina, olhando para as paredes da caverna, decoradas com ossos e espinhos de peixes, que criavam um visual que mais parecia um castelo assombrado.

– É sim! Bonito, né? – sorriu Bia.

Para não parecerem indelicadas, as quatro princesas sorriram embaraçadas. Aquilo era totalmente diferente do que estavam acostumadas a chamar de bonito.

Logo atrás vinha o senhor Gilson, arrastando Fuinha e o senhor Corrente, amarrados por uma corda.

– O que vai acontecer com eles? – perguntou Polvina, com uma pontinha de preocupação na voz. As coisas no Reino Abissal pareciam ser bem diferentes.

– Serão punidos de acordo com a lei – respondeu Bia, friamente. Aquilo assustou ainda mais Polvina.

– Seus pais não estão em casa? – perguntou Estér, olhando as fotos da família na parede.

– Não. Eles ficam pouco tempo aqui. Estão agora lá fora, ajudando a procurar comida para os peixes.

Comida parecia ser uma preocupação constante no Reino Abissal, bem

diferente dos reinos que Polvina conhecia. Ao chegar à sala de jantar, as princesas se sentaram à mesa, onde um mordomo que mais parecia um zumbi veio atendê-las.

– É uma honra recebê-las, pequenas princesas – disse, educadamente. – Nós não costumamos receber muitas visitas.

– Hã... oi! – disseram as meninas, tentando não reparar na magreza esquelética do funcionário.

– Romero, pode servir o jantar às minhas convidadas? – disse Bia.

– Claro, princesa Bia. Imediatamente.

A julgar pelo aspecto fantasmagórico do Castelo Abissal, Estér sentiu um friozinho na barriga só de pensar no que seria o jantar. Primeiro Romero trouxe os pratos e os talheres, e ela tentou disfarçar o nojo que sentiu ao ver que o cabo de sua colher era um osso.

Para quem esperava o pior, até que ela se surpreendeu quando Romero voltou com uma sopa ralinha, mas cheirosa.

– Por que vocês não pedem ajuda aos outros reinos? Por que não vão caçar por lá? – perguntou Estér com o coração partido, ao ver que, mesmo no Castelo Abissal, comida era algo raro.

– Porque esse é o nosso lar – respondeu Bia. – Os peixes abissais são os únicos adaptados a sobreviver nessa profundidade. Eles não suportam a claridade e não podem caçar lá em cima, tirando algumas exceções, como o senhor Gilson.

– Mas isso não quer dizer que você tenha que viver assim! – disse Tubarina, inconformada com a situação da nova amiga.

– Assim como? – perguntou Bia.

– Assim! Morando aqui neste fim de mundo! Como você consegue viver num lugar tão escuro? – ela estava sendo pra lá de inconveniente.

– Como você consegue viver num lugar tão claro? – respondeu Bia.

Ficou um silêncio constrangedor na mesa. Elas continuaram tomando a sopa, quando, então, Bia falou calmamente, entre uma colherada e outra:

– Acho que entendo o que você quer dizer. Aqui deve ser bem diferente do seu castelo, cheio de comida e fartura. Mas é o meu lar, o nosso lar.

– Mas...

– Tubarina, todo mundo tem uma missão. A minha é cuidar dos peixes abissais. É isso o que estou fazendo aqui neste "fim de mundo".

A princesa dos tubarões ficou sem graça e achou melhor não dizer mais nada.

Toda mãe, seja de Terra Firme ou do Mundo de Salácia, costuma dizer aos filhos quanto eles devem ser gratos pelo que têm. As princesas se lembraram de que quando deixavam comida sobrando no prato, suas mães insistiam para que comessem mais um pouco. Aquela sopa ralinha de algas teve um sabor que jamais esqueceriam, e as quatro fizeram questão de deixar o prato limpinho.

Então, Bia resolveu quebrar o silêncio:

– Nem tivemos tempo de conversar! Me digam, o que trouxe vocês até aqui?

– Nós... nós viemos procurar uma coisa que caiu por acidente – disse Tata. – É uma garrafa, com uma carta dentro.

– Hmmmm – disse Bia –, não tem nada que aconteça nesse reino que eu não fique sabendo. Mas não ouvi falar de nenhuma garrafa com carta.

– Ahhh – desanimaram-se as princesas.

Então, Tata explicou toda a aventura que haviam passado desde que compraram a garrafa na feirinha, passando pelos apuros com o senhor Corrente e Fuinha, a segunda carta e a frenética perseguição no Reino Abissal.

– Nossa, mas por que vocês estão tão interessadas nessas cartas? – admirou-se Bia.

– Eu não estou! – disse Tubarina. – Eu só vim aqui atrás dessas três doidas.

Tata, então, explicou-se:

– Bia, eu sempre tive medo de Terra Firme por causa das histórias que as tartarugas me contam sobre caçadores e gente que rouba seus ovos. Mas quando fiquei sabendo sobre a Vento, vi que eu estava errada, que não podia julgar as pessoas pelo lugar onde elas moram. Talvez, realmente, haja gente do bem morando lá em cima.

– É a mesma coisa que aprendemos hoje sobre o Reino Abissal – completou Estér. – A gente sempre teve medo daqui, sabia?

Bia deu risada.

– Não há o que temer aqui embaixo. Enquanto eu estiver por perto, pelo menos! Vejam... como vocês já sabem, os peixes abissais avançam ferozmente pra cima de tudo o que vem lá de cima. Baleias mortas, restos de outros animais. Talvez algum tenha visto a garrafa. Vou pedir pra ficarem de olho, tá? – sorriu gentilmente. – E quanto a esses dois...

As meninas tinham até se esquecido do senhor Corrente e de Fuinha, ainda amarrados.

– Pelas leis do meu reino, vocês devem servir de comida para os peixes abissais! – disse Bia, num tom de voz de gelar a alma.

– Não... por favor, tenha piedade! – chorou Fuinha, enquanto o senhor Corrente queria se mostrar vilão até o fim:

– É bom que seus peixes façam um bom trabalho, princesa, porque, do contrário, não haverá lugar no Reino Abissal que você possa se esconder de mim!

Bia o olhou com frieza. Tubarina então lembrou de um detalhe:

– Bia, meu pai já estava atrás desses bandidos. Pode deixar que ele se encarregará deles!

Fuinha pareceu aliviado, já que qualquer coisa era melhor do que ser devorado. Já o senhor Corrente continuou com as provocações:

– He, he, he. Parece que a minha cabeça foi posta a prêmio, não é mesmo, princesa dos tubarões?

Mas será que o seu querido papai tem uma cadeia que possa segurar Carlos Corrente por muito tempo? – riu o bandido.

– Se você tiver sorte, vai apenas passar o resto da vida lá! – Tubarina levantou a voz para aquele homem que era quase três vezes o seu tamanho.

Tata havia se assustado com a maldade de Corrente e resolveu apressar as amigas:

– Gente, já é tarde! Precisamos ir embora...

– É verdade, já é quase noite... digo, aqui já é noite, mas lá em cima ainda é... – Estér ficou embaraçada com o que disse, o que fez as outras rirem.

– Foi ótimo conhecer você, Bia – sorriu Polvina.

– Eu também adorei conhecer vocês. Apareçam mais vezes! Mas me avisem antes, para que eu providencie uma recepção mais amistosa dos nossos peixes, hahaha – riu Bia, com seu jeito engraçado que quase assustava.

Então, guiadas pelo senhor Gilson, as princesas do mar retornaram para a claridade, felizes por terem feito uma nova amiga, mas tristes por não encontrarem a garrafa.

A vida é assim mesmo. Sempre queremos coisas que estão fora do nosso alcance. Com esforço e perseverança podemos alcançá-las. Porém, existem algumas coisas que são colocadas longe de nossas mãos justamente porque jamais deveriam ser encontradas.

Essa era a lição que Tata estava prestes a aprender.

10. A TERRÍVEL REVELAÇÃO

Na manhã seguinte, alheia a toda a confusão causada por suas cartas, Vento estava perdida em seus pensamentos.

Sua vida tinha tido muitos altos e baixos. A saudade da mãe doía muito. E tudo o que ela queria naquele dia era voltar para sua casinha amarela na praia.

Polvina, Estér e Tubarina foram juntas à escola. Elas combinaram não comentar a aventura do dia anterior com ninguém, para evitar mais confusões. Ao encontrar com Tata, subiram para a sala de aula poucos minutos antes de a professora Márcia chegar.

– Uau, que dia corrido foi ontem, né? – comentou Estér.

– Nem me fale! Eu até sonhei com aqueles peixes nos perseguindo! – riu Tata.

– A Bia é muito legal! Eu vou escrever pra ela hoje... – disse Polvina.

– É. Muito legal. Mas da próxima vez que eu tiver que ir lá salvar vocês... – Tubarina era a única a reclamar.

– Credo, Tubarina, deixa disso! – respondeu Estér. – Qualquer uma de nós faria o mesmo por você!

– Mas acontece que eu tô cansada de ter que salvar a pele de vocês por causa desses seus planos malucos! E se eu não tivesse aparecido com o senhor Gilson, hein? O que seria de vocês agora?

A discussão foi interrompida com a chegada da professora, que, após o tradicional "bom dia, classe!", começou:

– Polvina! Estér! Tubarina! Tata! Eu não acredito que vocês se arriscaram de novo por causa daquelas cartas e foram até o Reino Abissal! Não pensem que seus pais não vão saber disso, ouviram?

– REINO ABISSAL! – a classe inteira exclamou.

Tudo bem que as notícias numa escola se espalham rápido, mas essa velocidade assustou até a Estér, campeã em divulgar as novidades:

– Nossa, professora! Como você sabe? Ainda nem deu tempo de contar para as meninas o que aconteceu!

– Uma aluna do período noturno me contou... – respondeu a professora.

– Aluna do período noturno? – se espantaram as princesas, que nem sabiam que a escola abria à noite.

– Então, a Bia estuda aqui também? – perguntou Polvina.

– Claro! Ela não consegue vir pra cá durante o dia por causa da claridade, por isso vem à noite. Ela me contou tudo na aula de ontem e mandou entregar algo a vocês – respondeu Márcia, a contragosto, ao mostrar a garrafa com uma carta dentro, para surpresa de todos.

– Logo depois que vocês foram embora, a Bia pediu aos peixes que procurassem pela garrafa. Por pouco ela não foi comida por um peixe-dragão.

– Lê pra gente, professora! Lê! – a essa altura, a classe inteira já estava envolvida na história de Vento.

Márcia não queria ler a carta, mas resolveu fazê-lo em consideração a Bia, que teve tanto trabalho em resgatá-la. Ela tirou a rolha da garrafa, desenrolou o papel e traduziu:

Oi!

As coisas aqui não estão boas não. Eu rezo todos os dias pra que melhorem, mas parece que elas só pioram.

Começou quando a minha mãe ficou doente. Eu e o papai resolvemos ficar em casa o dia inteiro cuidando dela. Mas ela só piorava e, então, meu pai resolveu levá-la pra cidade. Eu vim com ele e faz dias que não vou à aula. Tenho saudades da escola, das minhas amigas e da minha casa.

Estão cuidando bem da mamãe no hospital. Mas eu e o papai não tínhamos onde ficar e começamos a dormir na rua durante a noite. Foi muito ruim, porque pegamos chuva e passamos muito frio.

Ontem uma mulher veio e disse que vai nos ajudar. Ela vai levar o papai pra uma casa e eu pra outra, onde só tem crianças. Não vamos mais dormir na rua, mas, enquanto mamãe estiver internada, eu só vou poder vê-los nos fins de semana, o que me deixa muito triste.

Não sei se vou poder escrever tão cedo. Pedi pra moça que vai me levar pra tal casa que jogasse esta carta no mar. Espero que ela cumpra sua promessa.

Tenho medo pela minha mãe. E pelo meu pai também. A moça disse que vai tentar arrumar um emprego pra ele, mas onde ele vai trabalhar nessa cidade que nem praia tem? Afinal, a única coisa que ele sabe fazer é caçar tartarugas.

Beijos,

Vento

Ninguém disse uma palavra. Sob os olhares cheios de lágrimas das colegas, Tata se levantou calmamente e saiu da sala.

As pessoas lidam com más notícias de maneiras diferentes. Alguns tentam fingir que não as ouviram, outras ficam em silêncio ou tentam esquecê-las. Era tudo o que Tata queria naquele momento, cercada pelas amigas em seu quarto no castelo das Tartarugas, chorando sem parar. Em toda a sua vida nunca tinha sentido tamanha decepção. Queria voltar no tempo, apagar da história o dia em que ela e as amigas foram à tal feirinha e compraram a primeira garrafa.

Uma garrafa com uma carta de uma menina de Terra Firme, que parecia ser diferente do que diziam as histórias das tartarugas sobre caçadores e ladrões de ovos. Uma menina igual a ela, com a mesma idade e sonhos.

Mas ela estava enganada. E tudo o que queria era esquecer.

– Polvina! Me faz esquecer! Eu não quero mais lembrar! – chorava abraçada à amiga, esfregando as mãos no rosto como se pudesse limpar as memórias ruins.

– Eu disse que não era uma boa idéia irmos atrás dessa carta! Eu disse! Agora olha só o que aconteceu! – resmungou Tubarina, a única que não estava sentada na cama confortando Tata. Em vez disso, ela estava na janela, com as duas mãos no vidro e a cabeça baixa.

– Tubarina, pára com isso! – disse Polvina. – E, Tata, você precisa se acalmar, todas nós ficamos chocadas com a história. Eu sei como você se sente e...

– Sabe nada! Eu queria ver se eles fossem caçadores de polvos!

Polvina e Estér abraçaram Tata. Já Tubarina olhou pela janela e viu um tubarão cabeça-chata nadando calmamente, alheio a tudo.

E se fosse diferente? E se eles fossem caçadores de tubarões? Certamente a reação de Tubarina seria outra. Ela explodiria de raiva e mágoa, talvez até pedisse que seu pai executasse um dos seus planos radicais contra todo o povo de Terra Firme.

Ao se colocar no lugar de Tata, Tubarina tentou imaginar o que gostaria de ouvir naquele momento tão difícil. Pensou uma coisa mas acabou dizendo outra:

– Eu falei pra não ir atrás daquela porcaria de carta! Agora agüenta!

11. O SEGREDO DE TUBARINA

Existem duas razões pelas quais não há muitos criminosos no Mundo de Salácia. A primeira é o sábio governo dos reis e rainhas que procuram governar com justiça para todos. A segunda é uma pessoa que causa arrepios naqueles que pensam em burlar a lei: o Rei Tubarão. Ele é o responsável pela defesa e força policial do Mundo de Salácia. Assim, qualquer um pensa duas vezes antes de entrar na ingrata vida do crime, pois sabe que cedo ou tarde acabará na prisão do Reino dos Tubarões, o novo lar de senhor Corrente e de Fuinha.

Naquele dia, todos os criminosos deveriam trabalhar na construção de um muro dentro da prisão. Enquanto alguns misturavam o cimento, outros carregavam tijolos e os empilhavam. Por causa do seu tamanho, senhor Corrente era um dos que faziam o trabalho pesado, sob a constante vigilância dos guardas.

– Esse Rei Tubarão não perde por esperar, Fuinha... – disse baixinho para o parceiro.

Fuinha não estava tão otimista:

– Do que você está falando, Corrente? Acabou! Ninguém jamais conseguiu escapar desta prisão!

– Acontece que eu vou...

– Corrente! – gritou o guarda. – De volta ao trabalho! Se eu pegar você batendo papo de novo, vou te mandar pra solitária!

O senhor Corrente sabia que o guarda não estava brincando, então, voltou ao trabalho, mas não pôde deixar de ouvir risadinhas dos guardas:

– Esse aí é o tal do Corrente, em quem o Rei Tubarão mandou ficar de olho? – riu um.

– Pois é, quem mandou se meter com a pessoa errada? Tentar seqüestrar a filha do rei?!? Hahaha! – riu outro.

A história das cartas correu pelos reinos e causou comoção e revolta em muitos cidadãos. Fofocas diziam que a princesa Tata passava os dias triste. Outras, mais exageradas, diziam que ela estava com depressão. Durante seu breve horário de almoço, o senhor Corrente comentou com seu parceiro:

– Você ficou sabendo da história, Fuinha?

– Sim, Corrente... hehehe. Aquelas princesinhas idiotas devem ter ficado chocadas quando souberam do conteúdo das cartas, não é?

– Isso me deu uma idéia, Fuinha... – disse o senhor Corrente, levantando uma sobrancelha enquanto passava a mão no queixo. – Você se lembra onde encontramos as quatro garrafas?

– Lembro, claro, mas o que você está tramando, Corrente?

Rapidamente, o senhor Corrente explicou o plano a Fuinha, antes de ser mandado de volta ao trabalho pelos guardas, sempre vigilantes.

Dias depois, as princesas ainda tentavam esquecer a história das cartas. Na escola, por mais que as outras crianças sussurrassem ao seu redor, elas fingiam não ouvir, principalmente Tata. Vez por outra, alguém vinha e dizia "Sinto muito", mas ela simplesmente não reagia.

A professora Márcia resolveu mudar o assunto das aulas. Ela falaria mais sobre a vida em Terra Firme e os cuidados que as tartarugas deveriam ter ao visitá-la, mas achou que não era apropriado para o momento. Resolveu, então, dar um reforço nas aulas de salinês.

– Professora, não agüento mais salinês – reclamou Mauriço a uma certa altura. – Eu quero saber mais sobre Terra Firme...

A classe inteira o olhou com desaprovação, enquanto Tata continuava copiando as frases da lousa. Desde que a professora leu a terceira carta, essa era sua única reação. Apenas copiava as matérias. Ficava quieta, apática, não conversava com as amigas e vez por outra alguém via lágrimas surgindo em seus olhos. Seus pais ficaram muito preocupados e todos já se perguntavam se algum dia ela voltaria ao normal.

Já Tubarina, que normalmente levantaria a voz para Mauriço e soltaria um "cala a boca, moleque!", ficou em silêncio, olhando para o caderno. Ao contrário de Tata, ela não copiava nada, apenas lia e relia aquele recado que um tubarão havia lhe entregado antes da aula:

As coisas não são o que parecem. Se quiser saber a verdadeira história das cartas, venha até a prisão. Sozinha!

Ass.: Senhor Corrente e Fuinha.

Mais uma carta, mais um mistério. O que eles queriam dizer com "verdadeira história das cartas"? Tubarina tentou adivinhar. Será que tudo não pas-

sou de uma armação deles, planejada desde o início? Será então que as cartas eram de mentira? Será que a professora traduziu corretamente?

Muitos "serás" atormentaram a cabeça da jovem princesa, que resolveu não contar nada para as amigas, que já haviam sofrido bastante com aquela história toda.

Desde o início, Tubarina foi contra irem atrás dessas tais cartas. Por causa daquelas cartas, ela e suas amigas foram seqüestradas, perseguidas por peixes abissais e agora Tata passava os dias triste.

Não havia nada que dois bandidos perigosos como o senhor Corrente e Fuinha tivessem a dizer que mudaria aquela situação.

A aula acabou e, ao contrário do que fazia muitas vezes, Tubarina não foi para a casa de Polvina. Ela preferiu voltar para o seu castelo, onde almoçou sozinha. Logo depois, pegou carona num tubarão e saiu, indo direto para a prisão do Reino dos Tubarões. Ao chegar, os guardas estranharam sua presença:

– Princesa Tubarina, a que devemos a honra da visita? – perguntou o guarda, desconfiado.

– Vim visitar os presos que me seqüestraram... São... hã... ordens da minha psicóloga, ela disse que vai me ajudar a superar o trauma – mentiu Tubarina.

– Oh, pobre princesa, deve ter sido difícil pra você, não é verdade? – disse comovido o guarda, que estendeu os braços esperando um abraço.

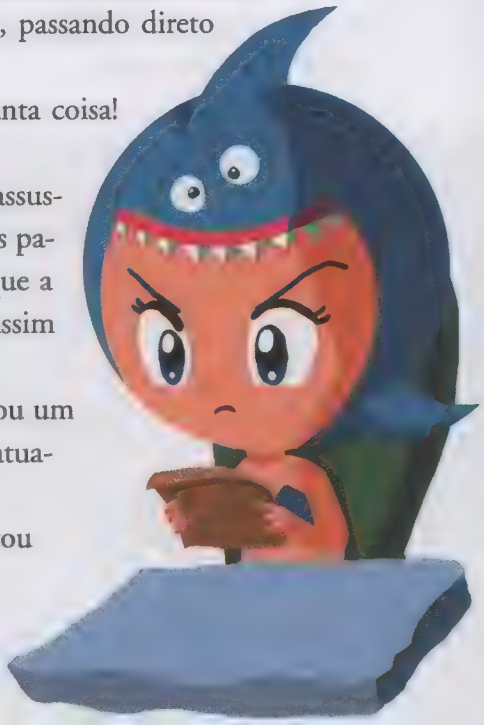
– Humpf, com licença! – disse Tubarina, passando direto pelo portão.

– Essas crianças de hoje... Passam por tanta coisa! – lamentou o guarda, um tanto emotivo.

Tubarina achou aquele lugar muito mais assustador que o castelo de Bia. Não eram nem as paredes cinzentas ou os corredores sombrios que a incomodavam, mas a gritaria que começou assim que os prisioneiros notaram sua presença:

– Vejam! É a filha do Rei Tubarão! – gritou um detento com a cabeça raspada e com uma tatuagem no rosto.

– Onde está seu pai, garotinha? – perguntou outro.



– Diga a ele que não vou ficar aqui pra sempre! – disse outro bandido.

Tubarina ignorou as provocações dos presos e seguiu em frente, até onde o guarda disse que estavam o senhor Corrente e Fuinha.

De trás das grades, o senhor Corrente soltou um sorriso maldoso:

– Vejo que meu recado despertou sua curiosidade...

– O que você quis dizer com a verdade por trás das cartas? Diga logo! – rebateu Tubarina.

– Ora, ora, mas que pressa é essa? – riu Fuinha, que lia um livro na cela ao lado.

– Minha querida princesa, você não sabe que informação é a coisa mais valiosa deste mundo? – perguntou o senhor Corrente.

– Se você acha que vai tirar alguma coisa de mim, está muito enganado! Eu nem sei por que vim aqui... – disse Tubarina, já arrependida de sua decisão. Ela deu as costas para os bandidos e se dirigiu à saída.

– Você não sabe por que veio? Mas eu sei! – disse o senhor Corrente.

Tubarina parou, enquanto o bandido continuava seu discurso:

– Você veio aqui porque descobriu que as cartas não eram o que pareciam, não é? Veio porque sentiu o gosto da decepção em seus lábios, pois achava que a tal menina de Terra Firme era igual a você e à sua amiguinha, Tata.

– Como você sabe o que estava escrito? – perguntou Tubarina.

– Meu querido amigo Fuinha vive rodeado de livros. Ele lê e fala terrafirmês perfeitamente, inclusive suas várias línguas e dialetos.

– *Yes* – disse Fuinha.

O senhor Corrente continuou:

– Mas eu tenho uma surpresa pra você, pequena princesa. Há mais uma coisa que você não sabe sobre as cartas.

– O quê? – espantou-se Tubarina.

– Como tudo o que eu e Fuinha temos na vida, essas cartas foram roubadas de alguém. Nós nem imaginávamos o tesouro que elas valeriam. Se soubéssemos, teríamos roubado todas as quatro!

– Quatro? Então existe mais uma?

– Ora, existem dezenas delas espalhadas por aí. Entretanto, muitas se perderam, foram enterradas ou levadas pela correnteza. Nós mesmos só encontramos quatro numa caverna repleta de tesouros. Roubamos três delas e deixamos uma pra trás porque... bem, tivemos um probleminha com o seu antigo dono.

– E onde fica essa caverna?

– Finalmente chegamos aonde eu queria...

– Escuta aqui, eu nem quero saber o que tem nessa carta, tá legal? – irritou-se Tubarina.

– Acontece que meu amigo Fuinha leu o conteúdo dela e, acredite, ela vai trazer algo bem diferente.

– O quê?

– Algo que pode salvar sua amiga. Tudo o que estou oferecendo é a verdade e nada mais. E por um preço muito pequeno: eu lhe direi onde ela está, você vai, pega a carta e lê seu conteúdo. Se achar adequado, você leva para a princesa das tartarugas. Se eu estiver mentindo, tudo acaba aí e nós passamos o resto da vida aqui dentro. O que me diz?

Tubarina balançou. Ela não podia acreditar naquela história. Não devia.

Mas acreditou, sem saber que teria de enfrentar o maior de todos os perigos sozinha.

– O que você quer de mim? – perguntou Tubarina, com medo de se arrepender.

– Quero que você fale com seu pai. E só – respondeu o senhor Corrente.

– Você está louco? Meu pai nunca libertaria vocês!

– E você acha que eu não sei? Não é isso que estou pedindo, minha cara, meu desejo é muito mais simples!

– O que é então?

– Tudo o que eu quero é que, depois de recuperar a quarta carta, você peça para o seu pai uma redução de nossa pena. Apenas isso.

– Redução? Mas vocês foram condenados a mais de cinqüenta anos de prisão por todos os crimes que cometeram!

– Sim... digamos que... estou querendo colaborar com você, ajudar sua amiguinha que está tão triste e trilhar o caminho dos justos novamente, nem que seja daqui a quarenta anos. O que me diz?

Tubarina pensou um pouco e achou que talvez ele não estivesse pedindo muito.

– E se meu pai não aceitar?

– Se o seu pai não aceitar, nós ficaremos felizes em saber que você ao menos tentou, querida princesa dos tubarões.

A proposta parecia boa demais para ser verdade.

– Onde está a carta?

– Meu amigo Fuinha desenhou um mapa. Você não terá problemas em entrar nessa caverna, visto quem é seu poderoso pai.

E nisso Tubarina concordou. Muitas pessoas tinham medo dela por ser filha do Rei Tubarão. O pacto com Corrente não parecia tão arriscado assim, afinal.

Fuinha esticou o braço pelas barras da cela e entregou o papel para Tubarina. Ao observar o mapa, viu que o lugar não era muito longe, ficava na fronteira do Reino das Tartarugas.

Então, o senhor Corrente estendeu a mão direita por entre as barras de metal:

– Princesa, temos um acordo?

Tubarina olhou desconfiada para aquela mão.

– Sim. Temos um acordo – disse, ao apertar a mão do bandido, sem imaginar que acabava de cometer um grande erro.

Ela dobrou o papel, guardou-o e saiu andando, enquanto ouvia os gritos e resmungos dos outros presos.

– Boa sorte, princesa! – disse o senhor Corrente, ironicamente gentil.

– Esperamos que volte inteira... Hahaha! – riu Fuinha, baixinho.

Tubarina chegou sem demora ao lugar indicado no mapa, próximo ao Reino das Tartarugas. Era uma caverna bem antiga, cercada por uma água turva que a deixava quase tão escura quanto o Reino Abissal. Estalactites despontavam do teto, dando um aspecto assustador ao local.

Ela ficou com medo de entrar sem ser anunciada, mas num ponto o senhor Corrente estava certo: ser a futura Rainha dos Tubarões é um título de muito respeito. Por isso ela entrou, ainda que apreensiva, com a única intenção de pedir a quarta carta emprestada. Com ela em mãos, pediria que a professora Márcia a traduzisse pela última vez e, dependendo de seu conteúdo, revelaria a Tata. Por isso sua missão era tão secreta.

Tubarina se perguntou se estava mesmo no local certo, mas ao entrar nas apertadas câmaras da caverna viu dezenas de coisas antigas vindas de Terra Firme. Dessa vez, não só lixo e entulho, mas também baús de tesouros, só que quase vazios.

– É, acho que o senhor Corrente e Fuinha realmente passaram por aqui.

Algumas coisas estavam lá há tanto tempo que começavam a se desmanchar ou a ser cobertas por corais. Não demorou muito e, numa das câmaras, ela encontrou uma pequena garrafa de vidro coberta de pó.

– Então era verdade mesmo... – disse, aliviada, ao ver um rolinho de papel dentro da garrafa.

Já que o dono parecia não estar em casa, resolveu esperar alguns minutos. Não seria nada elegante uma princesa sair pegando alguma coisa da casa dos outros. Então, ouviu o barulho de alguém – ou algo – se aproximando. A pouca luz que vinha de fora foi sumindo rapidamente, bloqueada por um enorme corpo.

Um monstro de mais de quatro metros de comprimento.

Naquele instante, em seu gabinete, o Rei Tubarão foi chamado para o chá da tarde, que pretendia tomar com a filha. Ele foi até o quarto dela, mas estranhou o fato de estar vazio.

E, então, seus instintos de general logo lhe disseram que havia algo errado. Ao olhar para a mesa, viu um pedaço de papel escrito:

... Se quiser saber a verdadeira história das cartas, venha até a prisão. Sozinha!

Ass.: Senhor Corrente e Fuinha.

O Rei soltou um grunhido animalesco e furioso. Em poucos segundos, já estava fora do castelo, montado num tubarão, e menos de dois minutos depois estava frente a frente com o senhor Corrente, puxando-o pelo uniforme de presidiário e espremendo sua cara no frio metal das barras da cela:

– Onde está a minha filha? – gritou o rei, enquanto todos os presos das outras celas o xingavam de nomes horríveis.

– Sua filha? É uma baixinha atarracada? – perguntou o senhor Corrente, ironicamente. – Olha, ela não passou por aqui não! Mas se passar eu dou o seu recado – e riu.

– Maldito! Eu sei que ela veio até aqui!! Me responda ou eu...

– Ou eu o quê? O que vai fazer conosco, Rei Tubarão? Nos prender? Hahaha!! – agora foi a vez de Fuinha rir.

O rei estava cada vez mais furioso, mas não pretendia cair no jogo dos vilões:

– Vocês não vão conseguir nada de mim! Eu não negocio com bandidos!

– Ora, majestade. Não queremos negociar nada. Você já nos tomou tudo o que tínhamos. Nossas vidas, nosso futuro... Tudo o que queremos é que você perca o seu futuro também, hahaha! – riu o senhor Corrente, histérico.

A risada sinistra do senhor Corrente foi ouvida por toda a prisão e só foi abafada por mais um furioso grito do Rei Tubarão. Enquanto isso, Tubarina estava numa encrenca da qual ninguém a salvaria.

12. TUBARINA SOZINHA

Os homens de Terra Firme acham que sabem de tudo. Como fazer os aviões voarem, como mudar o curso dos rios, como ir a outros planetas... Entretanto, eles não são tão espertos como pensam.

Tem coisas muito mais simples que eles ainda não aprenderam, como, por exemplo, a viver em paz. Como não poluir o céu, a terra e a água. Nem mesmo qual é a maior tartaruga do mundo eles sabem! Ao contrário do que se pensa, ela não tem "apenas" dois metros e meio. Na verdade, se os homens de Terra Firme dessem um pequeno passeio pelo Reino das Tartarugas, certamente encontrariam maravilhas como tartarugas de até três metros e meio.

Ou até aquela de quatro metros e mais de uma tonelada que se aproximava de Tubarina com cara de poucos amigos.

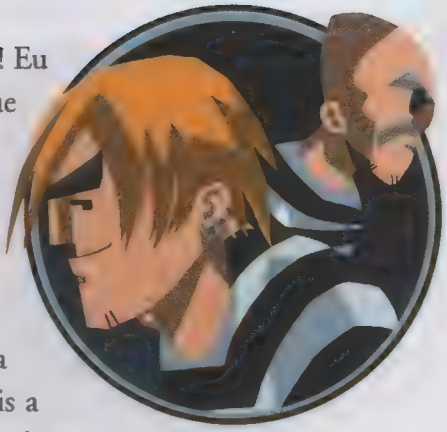
Ela, que era a mais corajosa das princesas do mar, ficou paralisada de medo. Sua mente tentava fugir para longe, acordar de um sonho, atravessar as grossas paredes da caverna agora bloqueadas pelo enorme animal. Mas seu pequeno corpo só conseguia tremer.

A tartaruga era grande como uma baleia. E parecia ser bem velha, pois sua pele era coberta de cracas bem grandes. Mesmo para seu enorme tamanho, ela não tinha nenhuma dificuldade em se mover. Seu bico era afiadíssimo e poderia facilmente ferir até mesmo um tubarão...

Tubarina se lembrou do que o Fuinha havia lhe falado na prisão: "Tivemos um problema com o antigo dono!". Por Salácia! Era daquilo que ele estava falando!

A tartaruga gigante avançou rápida como um raio, preparando-se para uma mordida. Foi aí que a princesa conseguiu deixar o medo de lado e saltou como nunca tinha feito antes na vida.

A mordida partiu ao meio uma velha mesa encostada na parede. A tartaruga estava furiosa e Tubarina lamentou não ter prestado atenção às aulas



de tartaruguês. Ela tentou dizer: "Calma! Eu não quero machucá-la!", mas tudo o que saiu no idioma das tartarugas foi "Onde fica o banheiro?".

Ao ver que isso só serviu para enfurecer sua adversária, Tubarina tentou falar em salinês, que também não deu certo. O último idioma que ela conhecia era o tubaranês. Uma péssima idéia, pois a tartaruga gigante parecia não gostar nada de tubarões.

A cada investida, um tesouro era despedaçado. Tubarina fugia desesperadamente enquanto ia esbarrando em velharias e nas duras paredes de pedra da caverna. Ela esperava algum resgate milagroso, como o que ela própria fez de Estér no Reino Abissal, mas se lembrou que somente o senhor Corrente e Fuinha sabiam onde ela estava.

E percebeu o verdadeiro plano dos bandidos. Eles não queriam redução de pena coisa nenhuma! Tudo o que eles queriam era se vingar do Rei Tubarão, mandando sua filha para a morte certa!

Mas ela era filha do maior guerreiro do Mundo de Salácia e estava decidida a não se entregar sem luta. No meio de todos aqueles tesouros, Tubarina encontrou um castiçal feito de ouro que usou como arma.

– Você quer me pegar, é? Venha! – disse, açoitando a tartaruga, que, pela primeira vez, recuou. Então, com o castiçal, começou a acertar vários objetos menores em sua adversária, como bolas de golfe.

Infelizmente, a tartaruga pouco se abalava com aquilo. Quando algum objeto maior vinha, ela se protegia em seu casco, um escudo impenetrável. Foi quando Tubarina percebeu que estava usando a estratégia errada.

– Vem, pode vir... – ela voltou a provocar a adversária, esperando que ela chegasse mais perto, no centro da câmara onde estavam.

A tartaruga deu mais três passos, cautelosos por causa do castiçal. Então, em vez de atacá-la, Tubarina arremessou o castiçal com força e ele atingiu uma enorme estalactite, que caiu com tudo sobre o casco da sua adversária.

A estalactite se desfez em pedacinhos. Uma tartaruga não sente dor em seu

casco, mas por baixo dele ela é um animal como qualquer outro. Seria impossível, mesmo para o seu tamanho, não se abalar com aquele impacto.

Tubarina, então, aproveitou a breve vantagem para procurar a saída da caverna. E fugiu para a câmara ao lado, mas logo a tartaruga veio atrás. A princesa foi encurralada ao lado de uma estante cheia de livros. Desesperada, se posicionou ao lado da estante e tentou empurrá-la para cima da tartaruga, mas descobriu que não tinha forças para isso.

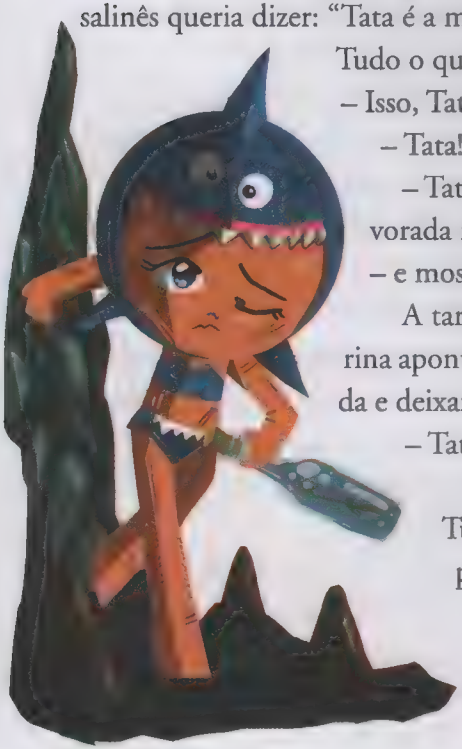
Ela lamentou profundamente ter ido até a prisão. Já cansada de fugir e com o corpo todo machucado, suas pernas fraquejaram e ela começou a chorar. Um choro triste e, ao mesmo tempo, bravo:

– Droga! Aqueles bandidos me enganaram... Me perdoem, papai, mamãe, Polvina, Estér, Tata...

Foi então que Tubarina teve outra surpresa. A tartaruga, que avançava para dar o golpe de misericórdia, parou imediatamente ao ouvir o nome de sua princesa. Também exausta e ofegante, olhou nos olhos de Tubarina.

– O quê? Você conhece a Tata? – perguntou a menina, ajoelhada no chão.

A tartaruga soltou um grunhido ininteligível para Tubarina, mas que em salinês queria dizer: "Tata é a minha princesa! Você a conhece?".



Tudo o que Tubarina havia entendido era o "Tata":

– Isso, Tata! Amiga! Tata, amiga!

– Tata! – respondeu a tartaruga.

– Tata! – Tubarina estava aliviada pois não seria devorada naquele dia. – Tata, amiga! Tata precisa disso! – e mostrou a garrafa com a carta dentro.

A tartaruga não estava entendendo por que Tubarina apontava para a garrafa, mas resolveu baixar a guarda e deixar a princesa dos tubarões passar.

– Tata – disse.

O caminho estava liberado. Ainda tremendo, Tubarina passou por aquele enorme animal, só para desmaiar em seguida.

13. A Última Carta

Vento estava sentada na cama com um sorriso no rosto. Era um daqueles momentos em que a saudade deixa de doer para se tornar gostosa.

Ela pensava muito em seus pais. Lembrou-se da mãe, que estava tão doente. Ao olhar para a pequena mala no chão, já se via retornando à casinha na praia.

Quantas memórias.

A menina de tranças entrou no quarto:

– Tô pronta!

– Então, vamos! Não podemos nos atrasar, especialmente hoje, não é?

E as duas partiram em direção à praia.

Quantas saudades!

A notícia do desaparecimento de Tubarina se espalhou rapidamente. O Rei Tubarão se recusava a dar entrevistas e a única coisa que se sabia era que os perigosos bandidos conhecidos como senhor Corrente e Fuinha tinham armado uma cilada para a princesa dos tubarões.

Polvina, Estér e Tata estavam aflitas no Castelo das Tartarugas, esperando por notícias.

– Gente, onde será que ela está? – perguntou Estér.

– Ela vai voltar logo, vocês vão ver, tudo não passa de um engano... – respondeu Polvina, tentando manter o otimismo.

Tata continuava muda. Ela pensava no quanto tudo seria diferente se elas não tivessem ido à feirinha naquele dia... Mais do que nunca quis voltar no tempo para mudar as coisas. Então, ouviu uma agitação vinda do salão principal do castelo:

– Chamem ajuda! A princesa dos tubarões está aqui! – gritava o mordomo, aflito.

As três desceram correndo e ficaram chocadas ao ver Tubarina, desmaiada em cima daquela enorme tartaruga. Seu tamanho assustou até mesmo Tata, que finalmente falou:

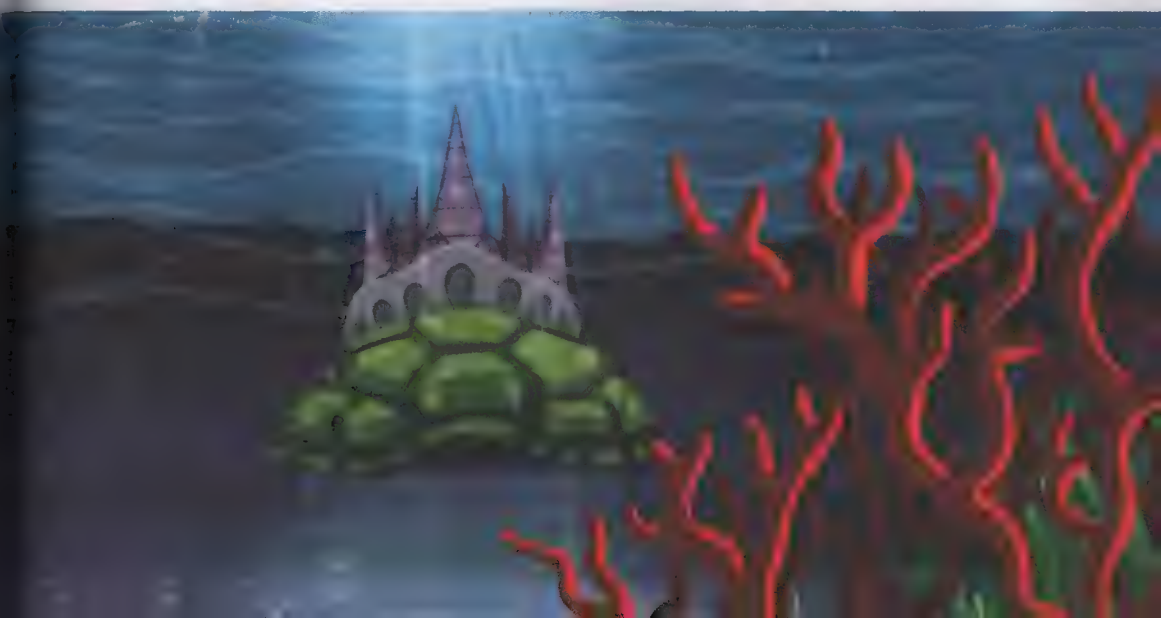
– Quem é você? – perguntou em tartaruguês.

– Majestade, meu nome é Costanza... Houve um mal-entendido. Eu peguei sua amiga em minha propriedade e fiquei furiosa ao sentir nela o cheiro dos ladrões que tinham invadido minha casa há algumas semanas...

Não houve muito tempo para conversa e Tubarina foi levada às pressas para a enfermaria, onde recebeu os cuidados da mãe de Tata, a Rainha Tartaruga, que também era médica.

– Alguém pode avisar os pais dela? – disse Tata.

O futuro de Tubarina era incerto. Polvina, Estér e Tata começaram suas orações para pedir que a amiga ficasse bem. Ela estava muito machucada de tanto esbarrar nas duras paredes de pedra da caverna, com o corpo cheio de hematomas e arranhões.



– O que será que deu nela? – perguntou Polvina. – Por que ela não disse nada pra gente?

– A Tubarina estava meio esquisita hoje... – respondeu Estér. – Mais calada do que de costume.

Ao lado de Tata, dona Costanza estava preocupada, morrendo de medo de quando o Rei Tubarão chegasse, afinal, ela havia ferido sua filha. Tata tentou consolá-la:

– Calma, dona Costanza... você não teve culpa.

Mas não adiantou. Dona Costanza esperava o pior, e se arrependeu de ter agido de forma tão impulsiva.

O sofrimento das amigas ainda se prolongou por mais alguns minutos, até que a Rainha Tartaruga veio com as notícias:

– Ela é forte como um tubarão! Sofreu alguns arranhões bem feios, talvez fique com algumas cicatrizes pequenas, mas vai ficar bem. O importante agora é ela descansar bastante para que seu corpo se recupere rápido.

– Viva! – comemoraram as princesas, aliviadas, num forte abraço.

Logo em seguida, o Rei e a Rainha Tubarão chegaram à enfermaria.

– Tata! Onde está nossa filha? – perguntou a rainha.

A princesa apenas apontou para a enfermaria e o casal correu para lá. Mas, antes, o Rei Tubarão, que era fluente em vários idiomas, disse em tartaruguês para dona Costanza:

– Torça para que minha filha esteja bem!

A tartaruga tremeu de medo pela primeira vez na vida.

Algumas horas depois, Tubarina acordou, sob os olhares atentos das amigas e da família. Seus pais estavam bem bravos:

– Tubarina, você perdeu completamente o juízo? Seu pai e eu quase morremos do coração!

– Eu sei, mamãe, me desculpe...

– Eu desejo de coração que você nunca tenha que passar pelo que nós passamos hoje, filha! – disse o pai, com a

voz grave, diminuindo um pouco o tom.

Pai, mãe e filha se abraçaram.

– E os bandidos, papai? O que...

– Eles não abriram o bico de jeito nenhum. Estavam decididos a se vingar de mim. Mas não se preocupe, eles vão pagar muito caro por esse e todos os outros crimes que cometeram.

– Tubarina, o que você foi fazer naquela caverna? – perguntou Polvina. – Por que não avisou a gente?

Então, Tubarina explicou toda a história:

– Eu recebi um bilhete do senhor Corrente, dizendo que ele ia me contar a verdadeira história das cartas se eu fosse até a prisão... sozinha!

– Tubarina, você ficou maluca? Como pôde cair nessa? – perguntou Estér, indignada.

– Shhhh, Estér, deixa ela falar! – disse Polvina.

– Bom... ao chegar lá, ele disse que havia mais uma carta e que o seu conteúdo poderia ajudar a Tata. Eu não sou de ficar dando abraços e beijos que nem a Estér, mas não agüentava mais ver a Tata triste. Então eu resolvi arriscar... Vai que as outras três cartas eram de mentira? Ou então invenção de algum doido por aí? Eu tinha que saber a verdade...

– Mas você quase morreu, Tubarina! E aquela tartaruga enorme que...

– Estér! Pára de interromper! – disse Polvina.

– Ai, tá bom, tá bom!

Tubarina continuou:

– E fui até o lugar que eles falaram. Lá encontrei a carta, mas daí aquela tartaruga gigante apareceu e pensou que eu fosse uma ladra.

Tata então explicou:

– Tubarina, não precisava ter feito nada disso... A dona Costanza me falou que coleciona coisas de Terra Firme e que semanas atrás ela havia sido roubada pelo senhor Corrente e Fuinha. Daí ela sentiu o cheiro deles em você e por isso a atacou.

– Mas a dona Costanza não sabia que ela é a princesa dos tubarões? – estranhou o Rei Tubarão, que afinal não era só conhecido como também temido.

– Não... Ela não sai muito da caverna, e é bem anti-social... muita gente tem medo dela por causa de seu tamanho. Mas ela pediu desculpas a você, Tubarina.

– Ai, depois eu penso nisso... Ela bem que podia ter pegado mais leve comigo, né? – disse, ainda sentindo dores por todo o corpo.

Então, a professora Márcia e vários colegas de classe chegaram à enfermaria.

– Tubarina! Você está bem? Eu não acredito que você se meteu em apuros de novo!

– Estou, professora... me desculpe, agora está tudo bem.

– Não seja muito rigorosa com ela, professora, minha filha passou por muita coisa – pediu o Rei Tubarão.

E era verdade. Desde que a primeira carta havia sido encontrada, Tubarina foi a que menos queria ter se envolvido e a que mais se arriscou. Estava na hora de dar um fim àquilo tudo... só faltava um detalhe:

– Tata, eu não queria te falar sobre a carta até eu saber exatamente o que tem nela, mas...

Sem demora, a princesa das tartarugas respondeu:

– Me dá.

– Está na minha mochila, pode pegar.

Tata abriu a mochilinha azul em forma de barbatana de tubarão e encontrou a tal garrafa. Ao olhar para o conteúdo, pensou um pouco e disse:

– Professora, você pode traduzir pra gente?

– Tem certeza que você quer, Tata? – perguntou Polvina.

– Tenho, Polvina. Eu não sei se o senhor Corrente e Fuinha estavam falando a verdade, mas eu quero que isso tenha um desfecho, aqui e agora! – respondeu Tata, convicta.

A professora e o Rei Tubarão se olharam.

– A decisão é das crianças, professora – disse o Rei.

– Tata, eu vou ler a carta. Mas quero que vocês quatro me façam uma promessa.

– Qual, professora?

– Que qualquer que seja o conteúdo dela, essa história termina aqui. Ninguém mais vai atrás de carta alguma, qualquer que seja o motivo. Prometem?

– Eu prometo – Tata foi a primeira a responder.

– Eu também – disse Tubarina. – Não quero nem ouvir falar de Terra Firme por um bom tempo!

– Prometo – Polvina também queria pôr um ponto final naquela história.

– Vamos lá, professora, estou curiosa! – disse Estér.

– Estéeeer... – foi o que todos no quarto disseram em tom reprovador.

– O que foi? Ah, tá bom, tá bom, eu prometo! Eu, hein?

– Bom, então vamos lá – disse a professora Márcia, antes de traduzir a última carta de Vento:

Oi!

Bom... como eu disse na minha última carta, tudo continua indo muito bem. Mamãe está superbem e o cabelo dela cresceu de novo, está lindo, lindo.

Sabe, o pessoal que o papai encontrou na praia quando voltamos pra cása? É, aqueles la e que cudavam das tartarugas. Pois é... eles contaram um monte de coisas pra ele. Disseram que as tartarugas estavam em perigo e que, em vez de pescá-las, ele deveria protegê-las. Aquilo mexeu muito com ele, sabe?

Meu pai jamais gostou muito do que fazia, só pescava mesmo pra que a gente tivesse o que comer. O melhor de tudo é que ele arrumou um bom emprego com o pessoal que defende não só as tartarugas, mas toda a vida marinha! Não é demais?

Todos os dias de manhã ele pega o barco, como fazia antigamente. Mas agora ele patrulha a costa pra ver se está tudo bem e se não tem nenhum caçador ilegal. Minha mãe colhe os ovos que as tartarugas botam na praia, vê se está tudo bem com eles e depois devolve, pra que os filhotes possam nascer do jeito que a mãe natureza mandou. A coisa mais linda do mundo é quando aquele monte de tartaruguinhas nasce e vai correndo para o mar...

Eu andei pensando, sabe. Aprendi muita coisa na época em que morei na cidade, quando mamãe estava doente e eu estava morando naquele abrigo pra crianças.

Aprendi que a vida pode passar assim, num piscar de olhos. Que num dia se está mal e no outro se está bem, e que se não fosse assim a gente nunca saberia a diferença. A gente tem que ficar com quem a gente ama porque não dá pra saber quando eles vão embora. Passear muito, conversar, ir ao mercado, à praia, abraçar, beijar. Ter muitas coisas boas pra guardar no coração, porque isso é tudo o que vai permanecer.

Bom, vou ficando por aqui. Minha mãe está me chamando pra almoçar.

Até a próxima.

Vento.

Um emocionado sorriso de alívio tomou conta de todos, surpresos com tanta sabedoria vinda de uma menina de nove anos.

Tata fechou os olhos e sorriu enquanto suas lágrimas escorriam. Ela estava aliviada, muito feliz por ter "feito as pazes" e perdoado aquela amiga que morava tão longe.

As princesas do mar se abraçaram, com a sensação de final feliz para aquela grande e perigosa aventura. Tudo havia acabado e, provavelmente, àquela hora Vento estaria estudando numa boa escola, morando numa boa casa e seu pai não estaria caçando as tartarugas, mas defendendo-as.

A professora Márcia mais uma vez se perguntou o que havia com aquelas meninas, que viviam arrastando meio mundo para suas confusões, mas no final sempre ensinavam boas lições a todos. Só que ela ainda tinha uma curiosidade, e foi até a sala de espera falar com dona Costanza:

– Gostaria de agradecer por ter trazido Tubarina em segurança. E não se preocupe, eu falarei com o Rei Tubarão mais tarde.

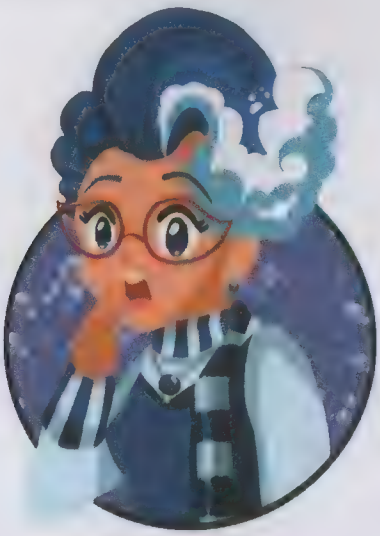
– Muito obrigada – respondeu a tartaruga.

– Posso lhe fazer uma pergunta? – continuou Márcia. – Essas garrafas, onde você as encontrou?

– As garrafas? – perguntou dona Costanza, sem entender direito o sotaque da professora.

– Isso. Onde você as encontrou?

– Eu as encontrei perto da caverna onde guardo minhas coleções, quando eu ainda era jovem, há mais de cinqüenta anos.



Fernando Sabino, um escritor de Terra Firme, ouviu de seu pai a seguinte frase: tudo dá certo no final; se não deu certo é porque o final ainda não chegou. Ele não poderia estar mais certo.

Já era noite quando as duas chegaram à praia. Enquanto a menina de tranças correu para a água, sua avó, que já não tinha aquela vitalidade dos tempos em que morou ali, parou na frente daquela casinha amarela.

Não teve coragem de entrar. Ela então fechou os olhos e ouviu o barulho das ondas. Sentiu o gostoso cheiro da maresia e esfregou os dedos dos pés na areia geladinha. Em sua mente, revisitou todos os felizes momentos que viveu ali, da infância ao final da adolescência. Ela se lembrou das cartas que seu pai jogava no mar quase diariamente e novamente se perguntou se alguém as teria encontrado.

Durante seus primeiros dez anos, ela dormiu com os pais na mesma cama. Iam juntos até a estrada onde ficava o ponto de ônibus, hoje cercada por um bairro residencial. De repente, tudo mudou. A frágil saúde de sua mãe se complicou ainda mais e eles mudaram para a cidade. Ao voltarem para a praia, mais coisas mudaram. Ela cresceu. A casa cresceu e o pai pintou de amarelo. E todos passaram a proteger as tartarugas.

Os anos voaram e a vida continuou mudando. Ela ganhou uma irmã. Estudou, foi para a faculdade e se formou como a primeira da classe. A família foi à sua formatura. Seus pais choraram muito e todos foram comemorar num restaurante que hoje nem existe mais.

Sua mãe desejava que ela pudesse morar num lugar melhor. Por isso batizou-a de Vento. E como o vento, ela viajou o mundo inteiro, conheceu pessoas, países e culturas. Ela ainda se lembrava da primeira viagem de avião. Estava lá longe quando recebeu um telegrama dizendo que sua irmã iria lhe dar um sobrinho. O sobrinho cresceu, estudou e virou doutor. A vida passava rápido, e até ela que viajava tanto um dia resolveu parar.

As memórias iam e voltavam como as ondas que ela ouvia. Ela se lembrou

da alegria de seu casamento. Do dia em que sua filha nasceu. E do dia em que seus pais foram embora. Mesmo que para algumas pessoas fosse normal, para ela continuou sendo cedo demais.

Como ela, sua filha vivia pelo mundo. A saudade apertava, mas naquelas férias a netinha estava com ela e, como faziam todos os anos, visitaram aquela praia. E lá de longe a menina de tranças chamou:

– Vó?

– Oi, princesa!

– Vai começar!

– Já estou indo.

Então, Vento andou calmamente até a beira da água. E presenciou com a neta aquele verdadeiro milagre.

Ouvia-se apenas o barulho do mar. A areia estava ainda mais branca, iluminada apenas pela lua e pelas estrelas. De repente, um pontinho preto surgiu no meio daquele buraco na areia. Nada aconteceu nos segundos seguintes, até que outro pontinho apareceu. E, então, como se tivesse sido ensaiado, centenas de outros surgiram, arrebentando as cascas dos ovos que não comportavam mais sua imensa vontade de viver, aparecendo na areia como gotas de chuva, jorrando vida.

Amontoadas umas sobre as outras, aos poucos conseguiram sair do buraco onde estavam. Elas experimentavam ver, respirar e viver pela primeira vez, enquanto se arrastavam para vencer os poucos metros de areia que as separavam do mar. Cada centímetro era uma batalha vencida e, aos poucos, todas haviam passado na primeira prova de uma vida cheia de obstáculos.

O mar dava as boas-vindas às vitoriosas tartaruguinhas com uma onda suave, que levou consigo algumas e empurrou outras para trás, mas, no final, acabou abraçando todas. Vento provavelmente não estaria ali dali a trinta anos, quando as sobreviventes voltassem para botar seus ovos. Ao olhar para a menina de tranças abraçada ao seu quadril, ela sorriu feliz. O milagre continuaria acontecendo.

O AUTOR

Fábio Yabu nasceu em 1979, em Santos (SP), um mês antes do esperado. Veio ao mundo tão fraquinho que sua avó achava que ele não ia durar. Deu o maior trabalhão e até hoje não cresceu: gosta de ler livros infantis, jogar *videogame* e assistir a desenhos animados.

Sempre foi bom aluno. Mas um dia descobriu que viajar para descobrir outros mundos e depois voltar para contar a história não se ensinava na faculdade. Então largou tudo para criar seus personagens e aventuras.

Entre suas paixões estão seus amigos, um abraço quentinho e um travesseiro geladinho. Ama sua família, a quem dedica todas as suas palavras e desenhos, ontem, hoje, sempre.

As cartas de Vento é seu terceiro livro. Os dois primeiros, *Princesas do mar* e *Uma sombra na água*, também foram lançados pela Panda Books. No *site* www.princesasdomar.com.br você pode conversar com ele por *e-mail*.

"As aventuras das Princesas do Mar parecem ser cada vez mais emocionantes e sempre deixam belas lições a ser lembradas.

Esta que você vai ler agora é uma das mais imprevisíveis, que levou as princesas a conhecerem um novo reino, uma nova amiga e a passar apuros nas mãos de perigosos vilões. Mas esta história começou bem diferente. Começou quando uma menina de Terra Firme resolveu imaginar o que havia no fundo do mar..."

ISBN 978-85-88948-32-7

9 788588 948327